

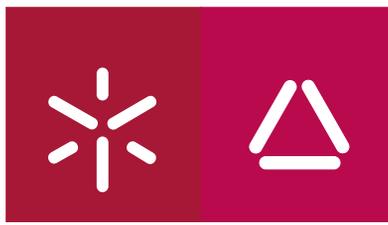


Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Marta Isabel Rodrigues Aguiar

Jornalismo *Online* : Evolução e desafios

Junho de 2008



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Marta Isabel Rodrigues Aguiar

Jornalismo *Online* : Evolução e desafios

Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação
Área de Especialização em Informação e Jornalismo

Trabalho efectuado sob a orientação do
Professor Doutor Joaquim Fidalgo

Junho de 2008



Universidade do Minho

DECLARAÇÃO

Nome:

Marta Isabel Rodrigues Aguiar

E-mail:

marta.isabel.aguiar@gmail.com

Título:

Jornalismo *Online*: Evolução e desafios

Orientador:

Professor Doutor Joaquim Fidalgo

Mestrado:

Mestrado em Ciências da Comunicação – área de especialização em Informação e Jornalismo

È autorizada a reprodução parcial desta tese, apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Universidade do Minho, 13 de Junho de 2008



Universidade do Minho

Agradecimentos:

Ao meu *pai*, à minha *mãe* e à minha *irmã*, pelo apoio neste, e em todos os momentos;

Ao *Filipe Sousa* pelas preciosas ajudas informáticas;

Ao *Professor Joaquim Fidalgo* pela disponibilidade;

Aos amigos, sempre preciosos.



Universidade do Minho

Jornalismo online: evolução e desafios

Resumo:

Esta tese parte da experiência como estagiária na secção online do Jornal de Notícias. Durante o estágio, o contacto com a evolução e exigências do online foram pontos fundamentais e sempre presentes ao longo desta experiência. Os trabalhos desenvolvidos na área suscitaram questões a respeito das mudanças introduzidas no jornalismo pela Internet como novo meio.

Assim, a primeira parte do trabalho será destinada a relatar os trabalhos desenvolvidos como estagiária e, numa segunda parte, é apresentada uma reflexão teórica sobre a evolução do jornalismo online e os seus desafios, com especial foco nas mudanças que este novo tipo de jornalismo traz aos profissionais da área.



Universidade do Minho

Online journalism: developments and challenges

Abstract:

This dissertation is based on the experience as a trainee in the online section of *Jornal de Notícias*. During that period, the contact with developments and demands of online journalism were key points always present throughout this experience. The work done in the area have raised questions about the changes in journalism brought by the Internet as a new medium.

Thus, the first part of this dissertation will report the work as a trainee and, the second part, is a theoretical reflection on the evolution of online journalism and its challenges, with particular focus on changes that this new type of journalism brings to professionals in the area.



ÍNDICE

INTRODUÇÃO	8
I PARTE – UM ESTÁGIO CURRICULAR NO "JORNAL DE NOTÍCIAS"	10
1. O JORNAL DE NOTÍCIAS	10
2. COMEÇAR	12
3. O PRIMEIRO DIA	14
4. ADAPTAÇÃO E PRIMEIROS PASSOS	16
4.1 INFORMAÇÃO E MAIS INFORMAÇÃO	19
4.2 EM REPORTAGEM	20
4.3 "INFOGRAFAR"	22
4.4 EM REPORTAGEM II	23
4.5 INFORMAR COM FOTOGRAFIA	25
5. O ÚLTIMO DIA	27
6. SÍNTESE	28
II PARTE – O JORNALISMO NO UNIVERSO "ON LINE"	29
1. INTERNET: UMA BREVE HISTÓRIA DA REDE	29
2. INTERNET E JORNALISMO	31
2.1 O CASO PORTUGUÊS	34
3. JORNALISTAS <i>ONLINE</i>	36
3.1 - LINGUAGEM WEB	36
3.2 – A RELAÇÃO COM AS FONTES	38
3.3 – JORNALISTAS ONLINE E MULTIMEDIALIDADE	40
4 - FORMAÇÃO DOS JORNALISTAS ONLINE	43
5 - AMEAÇA AO JORNALISMO/ JORNALISTA TRADICIONAL?	45
6. SÍNTESE	49
CONCLUSÃO	51
BIBLIOGRAFIA	54
ANEXOS	57
ANEXO 1 – PRINCIPAIS NOTÍCIAS PRODUZIDAS SOBRE A MORTE DE BENAZIR BHUTTO	57



Universidade do Minho

ANEXO 2 – PRINCIPAIS NOTÍCIAS SOBRE O CANCELAMENTO DO RALI LISBOA – DAKAR 2008	60
ANEXO 3 - DOSSIER SOBRE OS LOCAIS AONDE É PERMITIDO FUMAR.....	63
ANEXO 4 – PRINCIPAIS NOTÍCIAS SOBRE A AUDIÇÃO DE VÍTOR CONSTÂNCIO EM COMISSÃO PARLAMENTAR.....	64
ANEXO 5 – IMAGENS DA REPORTAGEM SOBRE BIODANZA	66
ANEXO 6 – DADOS PARA A INFOGRAFIA SOBRE AS ELEIÇÕES NOS EUA	67
ANEXO 7 – DADOS PARA A INFOGRAFIA SOBRE OS ANIMAIS PERIGOSOS.....	68
ANEXO 8 – ESQUEMA DA FOTOGALERIA SOBRE OS TORNADOS NOS EUA	69
ANEXO 9 – ESQUEMA DA FOTOGALERIA SOBRE OS ÓSCARES	70
ANEXO 10 – AGENDA DO MÊS DE MARÇO PARA O BLOGUE “AO VIVO”.....	71



INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como base uma experiência pessoal no ambiente de uma redacção *online*, da qual resultou uma reflexão sobre a evolução e desafios do jornalismo *online*.

Assim, o trabalho encontra-se dividido em duas partes. Na primeira parte é feito o relato reflexivo e crítico de três meses de estágio na redacção *online* do Jornal de Notícias (JN). O estágio foi feito num período de transição dentro da própria empresa, uma vez que estava em fase de preparação o novo *site* do JN. Esta situação fez com que o trabalho desenvolvido no estágio fosse bastante diversificado, uma vez que tive a oportunidade de desenvolver trabalhos tanto para a página que entretanto se encontrava em funcionamento como para o *site* novo que foi recentemente lançado. A experiência de desenvolver trabalhos para uma plataforma multimédia exigiu conhecimentos técnicos vastos, e a necessidade de me adaptar a um papel de jornalista multifacetado. Deste modo, tive a oportunidade de reflectir sobre a evolução e mudanças que o jornalismo *online*, e em particular os jornalistas, têm sofrido.

A segunda parte do trabalho baseia-se mais especificamente na colaboração que tive na redacção *online*, bem como na observação desenvolvida durante o tempo de estágio, para conduzir a uma reflexão teórica sobre os desafios que o jornalismo *online* coloca presentemente aos profissionais da área. Assim, após traçar um panorama da relação entre Internet e jornalismo em geral, e no caso dos sites noticiosos portugueses em particular, a reflexão centrou-se no papel dos jornalistas *online*.

Os desafios propostos pela Internet enquanto meio, nomeadamente a nível da linguagem da *webnotícia*, a relação com as fontes no espaço virtual e potencialmente ilimitado, e os desafios impostos pela multimedialidade a que almejam os *sites* noticiosos, foram os principais pontos de reflexão. Abordou-se ainda, por ser importante para a natureza da temática em discussão, o papel da formação dos jornalistas no contexto dos novos desafios que lhes são impostos. Por fim, coube ainda uma reflexão sobre de que forma os *webjornalistas* e o jornalismo online poderiam ameaçar o papel dos jornalistas e do jornalismo dito tradicional.



Universidade do Minho

Do conjunto das duas partes acima mencionadas resultam algumas reflexões pessoais sobre o papel dos jornalistas no contexto do desenvolvimento que o jornalismo *online* tem vindo a apresentar. Em particular, este trabalho permitiu concluir que o jornalismo *online* representa uma mudança que se reflecte de modo específico no trabalho dos profissionais da área. Estas mudanças são reflexos dos desafios impostos aos jornalistas a quem é exigido uma formação técnica cada vez mais específica, sem que os pilares básicos da ética jornalística sejam esquecidos ou menosprezados nesta lógica de mudança.



I PARTE – UM ESTÁGIO CURRICULAR NO "JORNAL DE NOTÍCIAS"

1. O Jornal de Notícias

O Jornal de Notícias, mais conhecido por JN, foi fundado em 1988, no Porto. Apostando inicialmente em informação nacional e internacional, tornou-se, após o 25 de Abril, num dos jornais diários de maior expansão em Portugal.

Ao longo da sua história, o JN passou por períodos conturbados, nomeadamente em 1914, durante a Primeira Guerra Mundial, quando deixou de ter edição às segundas-feiras e, posteriormente, em 1951, nos anos da ditadura, quando foi considerado como órgão de oposição ao regime. Após a revolução de 1974, as vendas do JN dispararam e, em 1978, passou a ser o jornal de maior difusão no país, sendo actualmente o jornal diário pago com maior audiência média no país, segundo os números da Marktest.

Actualmente, o JN é dirigido por José Leite Pereira, pertence à Controlinveste, um dos maiores grupos de media em Portugal, com presença nos sectores de imprensa, rádio e televisão¹.

Assumindo-se como um jornal popular de qualidade, o JN tem um maior volume de vendas no Norte de Portugal e, especialmente, na cidade do Porto, onde foi fundado e onde mantêm a sua redacção principal, na rua Gonçalo Cristóvão, num edifício emblemático da cidade.

O jornal é organizado de acordo com as seguintes secções:

Primeiro Plano

Nacional

Polícia e Tribunais

Economia e Trabalho

Sociedade e Vida

¹ O Grupo Controlinveste, liderado por Joaquim Oliveira detém os seguintes títulos: Diário de Notícias, Jornal de Notícias, 24 horas, TSF, Sport TV, O Jogo, Global Notícias, Notícias do Fundão, Ocasão, DN Madeira e Açoriano Oriental.



Universidade do Minho

Mundo

Opinião

Preto no Branco

Desporto

Cultura

Etcetera

Televisão e Média

Tema de Domingo

Última

Recentemente, o jornal renovou o seu sítio na Internet (<http://jn.sapo.pt>), também ele organizado em secções (Últimas, Nacional, Sociedade, Política, Economia, País, mundo, Desporto, Cultura, Gente, Tecnologia, Média), e integra ainda uma plataforma multimédia.



2 . Começar

Creio que não é vergonha confessar que as mãos me tremiam quando pressionei o botão do elevador que me levaria à redacção do Jornal de Notícias (JN), no Porto.

Quando as portas se abriram, no segundo andar, estava à minha espera uma das secretárias da Direcção, que me encaminhou imediatamente ao gabinete do director-adjunto, Alfredo Leite.

Na meia hora de conversa que tivemos, foi-me explicado o funcionamento do jornal e do grupo de comunicação em que está inserido. O director-adjunto Alfredo Leite falou com especial entusiasmo do novo projecto do JN: um *site* mais actual e de acordo com o que já fazem outros jornais portugueses. Contou-me que essa seria a grande aposta do grupo para 2008 e mostrou-me o esquema provisório da organização dessa nova página *web*. Foi também nessa altura que me confessou que estava interessado no facto de, no meu *curriculum* de apresentação, eu ter referido que tinha bons conhecimentos de programas de edição de vídeo e áudio. Foi-me dada a escolher a secção do jornal onde queria realizar o meu estágio, mas o director referiu sempre que eu “fazia jeito” ao *online*, que o JN queria sinalizar pessoas com o tipo de competências que o meu *curriculum* apresentava. Por isso aceitei o desafio e, embora o *online* fosse a última secção onde eu imaginara estagiar, fui seduzida pela possibilidade de assistir e participar do nascimento de um novo projecto de comunicação.

O passo seguinte foi apresentar-me ao editor da secção que, de acordo com a política do JN, seria também o meu orientador dentro da empresa. O editor, Manuel Molinos, recebeu-me bem. Mostrou-me a secção *online*, que ainda era um pequeno gabinete mesmo ao lado da “chefia”, como se dizia na redacção, partilhado com a agenda. O espaço era, de facto, um problema. A secção tinha nesse momento uma estagiária, que ainda ficaria por mais um mês, mas, ainda nessa semana, a agenda iria mudar de local, deixando mais espaço e material para aquela que seria a “minha” secção nos meses seguintes.

O horário de trabalho foi deixado, em princípio, ao meu critério. Disponibilizei-me para trabalhar aos fins-de-semana, mas o editor achou que, pelo menos nesta fase,



Universidade do Minho

não seria necessário, e acordámos que trabalharia entre as 14 e as 20 horas. Uma vez que era sexta-feira, foi-me dito: “Na próxima segunda, aparece”. Foi o que eu fiz.



3. O primeiro dia

No primeiro dia de estágio fiquei a conhecer os restantes jornalistas com quem iria trabalhar nos três meses seguintes. Para além do editor, Manuel Molinos, faziam também parte da secção os jornalistas Carlos Lobo, Augusto Correia e Sandra Alves, (esta última integrada na equipa do JN em Lisboa). Em Janeiro chegou aquele que seria o editor-adjunto, Miguel Conde Coutinho. Como já referi, nessa altura havia uma outra estagiária no *online*, a Catarina Cruz.

Conhecida a equipa, fui “apresentada” ao Millenium, o programa informático que tem uma série de funcionalidades: recebe os *takes* das agências, as imagens, e também permite desenhar as páginas da versão impressa do jornal, de modo a que cada jornalista possa escrever os seus artigos directamente na página e ir vendo simultaneamente o resultado final. O sistema de publicação de notícias *online* não me foi mostrado com tanto detalhe, uma vez que, com a chegada do novo *site*, estava em remodelação. Ficou então estabelecido que tudo aquilo que eu iria escrever para a página de Internet do jornal tinha que ser enviado para outro jornalista, o qual, para além de fazer eventuais correcções, publicaria a notícia. O mesmo sistema era válido para o blogue “Ao Vivo”, dedicado à música, que é regularmente actualizado com notícias e mensalmente com a agenda dos principais concertos.

As minhas tarefas consistiam, então, em escrever notícias para a secção “Última Hora”, ajudar na actualização do blogue “Ao Vivo”, gerir os fóruns do jornal de acordo com as regras estabelecidas - e, como viria a verificar, nem sempre cumpridas pelos seus muitos utilizadores, - e fazer sugestões para trabalhos destinados ao novo *site*, pelo menos nesta fase em que a remodelação da página ainda estava mais “verde” do que o desejado.

Em relação às notícias de “Última Hora”, elas são feitas, sobretudo, com base nos *takes* recebidos das agências noticiosas. No entanto, a política do JN é que, apesar do nome, a prioridade não é ser o primeiro a publicá-las, mas, sim, tentar complementar a informação o melhor possível, trabalhar o texto que vem da agência e atribuir um título e pós-título.



Universidade do Minho

Nesse primeiro dia, aprendi sobretudo estas regras, observei o trabalho da minha colega estagiária e, ao fim do dia, fiz a minha primeira notícia para o JN.



4. Adaptação e primeiros passos

É frequente ouvirmos dizer que o conceito de tempo é relativo: às vezes as horas passam a correr, outras vezes parece que os ponteiros do relógio demoram uma eternidade a mover-se. Ao longo do meu estágio, tive a oportunidade de comprovar a veracidade desta situação.

Numa primeira fase da minha estadia no JN, que corresponde sensivelmente ao primeiro mês, devo admitir que, contrariamente às minhas expectativas, o tempo arrastou-se e, por momentos, o entusiasmo fraquejou. Porquê? Sobretudo por uma circunstância aparentemente banal, mas que acabou por ser decisiva: o espaço físico disponível para trabalhar. A mudança da agenda para outro sector da redacção demorou mais do que o desejado, fazendo com que muitas vezes não houvesse espaço dentro do gabinete destinado ao *online* para todos os elementos que lá trabalhavam. Como a antiguidade é um posto, quem saía era sempre o elemento mais novo: eu.

Percorrer a redacção em busca de um computador não me aborrecia, mas estar fisicamente separada das pessoas com quem trabalhava directamente causou um grande incómodo e exigiu esforço para que, entre o corre-corre do trabalho, a estagiária que, para além de recém-chegada, estava no outro extremo da redacção, não fosse esquecida. A parte positiva desta situação foi a oportunidade de conhecer melhor a redacção e os jornalistas, e também de perceber o ritmo e o ambiente de cada secção.

Nesta fase trabalhei essencialmente com a jornalista Sandra Alves, que se encontra na redacção de Lisboa. Ela orientava-me, indicava as notícias que eu deveria fazer e corrigia-me sempre que necessário da forma mais pedagógica e simpática possível, chamando-me a atenção para o que podia ser melhorado e deixando que eu mesma fizesse essas alterações.

Entretanto, passados alguns dias entre “Últimas” e fóruns, sugeri uma reportagem para o novo *site*, sobre a Faculdade de Criminologia. Apresentei a ideia ao editor, expliquei que a faculdade era única no país, e que de lá saíam em breve os primeiros criminologistas portugueses, para além de se tratar de uma ciência que desperta muita curiosidade, quer pelas séries televisivas que a retratam, quer pela sua



referência cada vez maior na comunicação social sempre que há um caso de polícia mais mediático. A ideia agradou. Não só pelos pontos de interesse que apresentei ao editor, mas também porque reunia as características que se pretendiam para a nova página de Internet do JN: intemporalidade (uma vez que o *site* ainda não estava pronto) e exclusividade, pois o jornal não queria limitar-se a peças de vídeo sobre actualidade, mas queria reportagens únicas sobre assuntos diversificados.

Seguiu-se a maratona dos contactos para que a reportagem se realizasse. O facto de se tratar de uma entidade como uma faculdade não facilitou em nada este processo. Foram precisos muitos telefonemas para chegar à fala com as pessoas correctas, mas infelizmente os contactos revelaram-se infrutíferos e a visita à Faculdade de Criminologia foi negada. Apesar de tudo, tentei.

Nesta fase, o problema do espaço físico foi superado graças à concretização da mudança da agenda e da chegada de novos computadores.

Na época de Natal, a negociação de folgas e férias torna a concretização dos turnos mais difícil, especialmente no *online*, pois é a única secção cujo período de funcionamento se estende para além do horário de fecho da edição em papel. Assim, embora me tenham sido concedidos os dias e vésperas de Natal e Ano Novo, fiquei encarregada de, nessa semana, manter a edição até os jornalistas do turno da noite chegarem. Apesar de ser uma grande responsabilidade, a situação foi encarada com descontração, até porque essa época do ano costuma ser “calma”, mas os imprevistos acontecem. Recordo-me que algumas vezes fiquei a controlar a edição sozinha, mas por curtos períodos de tempo, principalmente durante reuniões, e sempre que o editor regressava, perguntava-me: “Então, Marta, caiu algum avião?...”.

Nessa semana também não caiu nenhum avião, mas o dia 27 de Dezembro ficou marcado pelo assassinato da líder da oposição paquistanesa, Benazir Bhutto (ver anexo 1). Quando cheguei à redacção, tinha um recado para me manter “em cima do acontecimento”. Mas gerir informação sobre uma situação deste tipo revelou-se mais complexo do que seria de imaginar à partida.

Todos os *sites* noticiosos e agências do mundo davam destaque à morte de Bhutto, mas todos contavam versões diferentes. O que fazer quando as fontes se



contradizem? Depois de me inteirar de todas as versões – inclusive a da SIC Notícias, que é acompanhada em permanência no *online* –, concluí que o melhor era dizer isso mesmo: as fontes apresentam versões contraditórias, Benazir Bhutto morreu, mas as causas da morte permanecem por apurar. Aliás, uma das vantagens de escrever notícias para a Internet é a possibilidade de actualizar a informação a todo o instante. Só passadas várias horas as agências e televisões começaram a divulgar comunicados com esclarecimentos oficiais, e só nessa altura reescrevi o texto do topo da página com as novas informações.

Outras decisões tiveram de ser tomadas: por exemplo, como gerir a amálgama de reacções que chegavam de todo o mundo, em forma de comunicados dos diferentes governos? A solução chegou quando procurei colocar-me na pele do leitor. Vi que alguns jornais copiavam os comunicados nos seus *sites* e criaram um *link* só com reacções à morte de Benazir Bhutto. Pessoalmente, essa solução desagradou-me. Afinal, o conteúdo dos comunicados emitidos por estas ocasiões é, como tive a oportunidade de comprovar, muitíssimo parecido. Optei então por criar um texto único com o título de “Comunidade Internacional condena ataque” e retirar o essencial de cada comunicado, com especial incidência nas reacções de Washington, União Europeia e ONU.

Outro ponto essencial foi fazer um obituário. Para isso socorri-me das informações que as agências iam acrescentando, em cada notícia, sobre a vida da ex-primeira-ministra do Paquistão.

Quando, por volta das 19h30, chegou a jornalista Sandra Alves, passei o testemunho e recebi elogios pelo trabalho desempenhado e, como recompensa por ter assegurado a edição a solo num dia tão preenchido, até tive direito a ir para casa um bocadinho mais cedo. Esta experiência de ter a edição praticamente por minha conta, durante um longo período de tempo, acabou por se repetir mais tarde, no dia do cancelamento do Rally Lisboa-Dakar (ver anexo 2).



4.1 Informação e mais informação

O novo ano trouxe um novo trabalho. O editor entrou na sala e foi directo: “Tenho trabalho para fazeres, mas é assim uma coisa um bocado... chata”. Na altura, não sabia muito bem o que se queria dizer com um trabalho chato, mas em breve aprendi que se referiam assim aos trabalhos que tinham a ver com recolher informações e passar muito tempo ao telefone. A tarefa consistia em fazer um *dossier* sobre os locais onde era permitido fumar (ver anexo 3). O jornal tinha elaborado uma lista com nomes de cafés, bares, discotecas e restaurantes, e tinha pedido aos leitores que complementassem a lista. Choveram *e-mails* para a redacção. Na lista final constavam centenas de nomes. A minha tarefa era descobrir a morada de cada um deles... e rápido.

Estava eu há cerca de meia hora debruçada nas páginas amarelas *online*, quando um dos directores se dirigiu a mim para perguntar se o trabalho estava pronto, pois aparentemente o Público também estava a fazer o mesmo tipo de pesquisa. Ainda antes de eu ter tempo de abrir a boca para responder, o editor “reclamou” que eu tinha começado mesmo nesse instante e, como já era tarde, não iria terminar nesse dia. “Mas amanhã está pronto, não está Marta?”- perguntou. “Está. Claro que sim”, foi a única resposta que eu dei, apesar da romaria de jornalistas que entravam pela porta dentro, com novos nomes sugeridos por telefone, *e-mail* ou conhecimento pessoal, pois a notícia de que a pessoa encarregada do dossier era a “jovem colaboradora do *online*” correu rapidamente na redacção. Sempre que acrescentava um nome à lista, o jornalista que costumava trabalhar sentado ao meu lado balbuciava um “coitada de ti!”.

No dia seguinte, depois de centenas de consultas nas Páginas Amarelas, na associação de registo de empresas portuguesas e alguns telefonemas mais, quando recebi nova visita do director a perguntar se ia cumprir a promessa, pude responder que já a podia dar praticamente por cumprida, uma vez que só faltava apurar três moradas. O dossier foi publicado na página do JN de imediato.



4.2 Em reportagem

Agradava-me no trabalho que fazia o facto de ter que lidar com assuntos diversificados. Durante os três meses de estágio, embora tivesse sempre por base as agências de informação, tive a oportunidade de fazer notícias sobre temáticas regionais, internacionais, de desporto, saúde, etc...

Uma área a que frequentemente estava ligada era a da política. Aconteceu por mero acaso, num certo dia, ter ficado incumbida de fazer as peças relacionadas com um debate que acontecia na Assembleia da República. Para isto, aproveitava o facto de os debates serem transmitidos via televisão e, com o que ia ouvindo em directo do Parlamento mais os *takes* enviados pela agência Lusa, fui fazendo o meu trabalho. A partir desse dia a situação repetiu-se. Debates e comunicados eram-me “entregues” (ver anexo 4).

Entretanto, fiz uma nova proposta de reportagem ao editor. Desta vez sobre “biodanza”, uma prática que faz sucesso em todo o mundo mas que ainda está a começar a desenvolver-se no nosso país. Graças ao número crescente de praticantes, esta espécie de terapia anti-stress e melhoradora da postura corporal, por meio da música e da dança, ia começar a ser praticada com regularidade também no Norte do país. A ideia agradou e tive luz verde para avançar com os contactos. Desta vez, esta fase de contactos prévios correu melhor e a data para realização da reportagem foi marcada.

Graças ao jornalista Miguel Coutinho, que entretanto se juntara à equipa do *online* como editor-adjunto, responsável pela área multimédia, recebi preciosas “dicas” sobre como desempenhar dois papéis neste trabalho: o de jornalista e o de operadora de câmara. Foi uma estreia para mim. Não só nunca tinha filmado sozinha uma actividade que exige tanto movimento como a “biodanza”, como nunca tinha desempenhado esta dupla função.

Nos trabalhos em vídeo na Universidade, cabia-me geralmente o papel de ficar em frente da câmara, e tinha sempre o apoio do colega que preferia filmar. Fazer um vídeo a dois dá uma segurança maior. Se o entrevistado se movesse e estragasse o enquadramento, eu podia simplesmente continuar a minha entrevista, porque sabia que



tinha um apoio para resolver a situação. Nesta situação no JN, foi a primeira vez que tive de pensar em tudo sozinha e em simultâneo: luzes, enquadramentos, planos, entrevistas.

No dia da reportagem, sábado de manhã, quando cheguei ao local combinado, fui recebida calorosamente por responsáveis e praticantes de “biodanza”. Numa fase inicial, alguns alunos mostraram-se receosos em falar para a câmara, mas com um pouco de diálogo e boa disposição acabámos por conseguir criar um ambiente muito descontraído. O principal problema foi, pois, o espaço. A sala de aulas era muito reduzida para a prática de exercício físico das dezenas de praticantes de “biodanza”, ainda para mais com a presença de uma câmara e um tripé. Como, à data, o jornal ainda não dispunha de microfones, o som também foi um problema. As entrevistas tiveram de ser realizadas no bar do hotel, que os funcionários gentilmente prepararam, permitindo-me assim “desenrascar” a situação.

Depois das entrevistas, tive uma conversa em “off” com o professor de “biodanza” com o qual mantivera contactos telefónicos, para uma sessão de esclarecimento sobre a natureza daquela modalidade e os seus benefícios.

Seguiu-se a filmagem dos exercícios propriamente ditos. Mais uma vez tive de recorrer ao improvisado: era impossível trabalhar com tripé naquele espaço e a captura de planos de pormenor era também muito difícil, dada a posição de reduzida mobilidade em que me encontrava. As filmagens foram então feitas sem tripé e com a ajuda de uma cadeira à qual subia quando os exercícios colocavam os praticantes em posições de difícil captura. Mas tudo acabou por correr bem, e penso que fiz um bom trabalho.

Segunda-feira, de regresso à redacção, foi tempo de prestar contas ao editor-adjunto. Após visionar as imagens, ele confessou-me que tinha corrido melhor do que imaginava e que pensava ser possível fazer um trabalho interessante com o material recolhido. Posto isto, deu-me um prazo de dois dias para apresentar o vídeo pronto.

No restante desse dia, escrevi o texto e gravei o áudio. No dia seguinte, fiz a montagem do vídeo (ver anexo 5).

Devido a problemas técnicos, tive que regravar a voz incontáveis vezes, para prejuízo dos próprios jornalistas da secção, uma vez que, por falta de um espaço com o



isolamento sonoro adequado, tinham de parar de escrever, e – como, por brincadeira, diziam – quase de parar de respirar para se fazer as gravações. Superado esse problema, o trabalho correu bem, foi entregue no prazo previsto e com um *feed-back* positivo.

4.3 “Infografar”

Com a aposta numa vertente mais multimédia, depois do vídeo chegaram as infografias.

A primeira foi sobre as eleições dos Estados Unidos. A mim coube-me outra vez o “trabalho chato”, ou seja, a recolha da informação que viria a tornar possível a infografia (ver anexo 6). A pressa era ainda maior do que a do *dossier* do tabaco, uma vez que queriam começar a trabalhar com o programa informático *Flash* o mais rápido possível, mas sem a informação o trabalho não podia avançar.

As indicações que me deram foram para procurar, para cada um dos 50 estados dos EUA, os seguintes dados: votos para o colégio eleitoral, população, percentagem de brancos, percentagem de mulheres, percentagem da população com mais de 65 anos, taxa de desemprego e filiação política do governador. Para me ajudar, deram-me a seguinte dica: Wikipédia. Assim, parecia fácil, mas, fruto do meu contacto diário com os *takes* das agências e outros *sites* noticiosos, não demorou muito até começar a ter dúvidas quanto à fiabilidade dos dados que a Wikipédia apresentava. Uma consulta rápida a outras fontes confirmou a existência de contrariedades. Na busca de uma fonte mais fidedigna, acabei por usar os dados do último recenseamento realizado nos EUA. Ganhou-se mais segurança nos dados apresentados, mas perdeu-se rapidez, pois alguns dos números que se pretendiam estavam apresentados em bruto e não em percentagem, o que obrigou a alguns cálculos. Felizmente o trabalho foi concluído ainda antes do tempo previsto, para agrado de quem esperava pelas informações para avançar com a infografia.

Após esta tarefa, surgiu a oportunidade de fazer uma outra infografia na íntegra, mas, quando confrontada com a pergunta “Como é que dás com o *Flash*?”, tive de



admitir que de *Flash* só sabia o que tinha aprendido na Universidade, ou seja, o estritamente básico e claramente insuficiente para levar a cabo um trabalho dessa natureza. Deste modo, a possibilidade de deixarem a meu cargo a parte técnica foi posta de lado, e fui incumbida apenas de recolher informação e esquematizar a infografia. Desta vez, o tema foi a problemática dos animais perigosos (ver anexo 7).

Este tipo de recolha de informação exigiu um tipo de tratamento diferente. O principal instrumento de trabalho foi o Diário da República, onde, lendo as legislações e projectos de lei, adquiri um conhecimento bastante profundo da temática, assim como valiosas pistas sobre que tipo de dados adicionais procurar e onde.

Acabei por esquematizar a infografia em três partes: em primeiro lugar, uma explicação da lei em vigor e das alterações que vai sofrer, em data ainda a definir; depois, um breve perfil de cada uma das raças consideradas perigosas em Portugal, finalmente, como informação adicional, dados e contactos de escolas de treinos de cães, uma vez que, durante a minha pesquisa, pude verificar que esta temática é cada vez mais abordada e as autoridades e veterinários recomendam o treino dos animais considerados perigosos.

4.4 Em reportagem II

A possibilidade de eu ir como jornalista credenciada ao Festival Erótico de Gondomar colocou-se com bastante antecedência. Assim que o evento surgiu em agenda e ficou decidido que o *online* faria um trabalho sobre o assunto, o editor propôs-me este serviço. Eu disse prontamente que sim. E, durante várias semanas, as conversas giravam em torno deste assunto. Tratava-se, é claro, de uma brincadeira inocente, devido à temática da reportagem, que gerou muitas gargalhadas na redacção. Mas, quando chegou o momento, eu fui credenciada para o evento. A ideia à qual cheguei



juntamente com os editores foi de fazer uma espécie de *vox-pop*² junto dos visitantes do salão erótico, sobre temáticas relacionadas com o sexo.

No dia previsto, o penúltimo dia do salão (um sábado), dirigi-me ao JN para levantar o equipamento e pedir a guia para o táxi que me levaria em serviço especial.

Uma vez em Gondomar, dirigi-me à sala de imprensa, onde levantei a minha credencial para acesso ao Salão e os diversos materiais informativos preparados pela organização para os jornalistas. Nesta situação, tive que lidar com algo novo: à chegada, a funcionária de relações públicas do evento sugeria aos jornalistas uma visita guiada. Agradei gentilmente a oferta mas preferi explorar o espaço por minha conta, reparando que muitos jornalistas optavam por essa mesma solução, ganhando assim liberdade de movimentos para conhecer todos os cantos do Salão e não apenas os mais comerciais, que eram os pontos de passagem por essa espécie de “roteiro” oferecido.

Tendo em conta que o Salão acabara de abrir ao público na altura da minha chegada, comecei por fazer a recolha de imagens das *sex shops* e dos produtos que ofereciam, e de alguns *shows* eróticos que aconteciam no local. Posteriormente, passei às entrevistas.

Com o benefício da credencial que usava, pude entrar na zona destinada aos artistas e tive a oportunidade de entrevistar uma vedeta da indústria do sexo. Apesar da temática do Salão, vim a verificar que esta entrevista foi a minha única oportunidade de ter uma conversa sobre o erotismo sem tabus. De facto, dizer que as pessoas que visitavam o Salão reagiam mal às câmaras é pouco ilustrativo da verdade. No geral, os visitantes literalmente fugiam e escondiam-se das lentes. Encontrar alguém para prestar um depoimento foi uma tarefa longa, penosa, e chegou a ser até desagradável.

Já abordei o facto de, técnica e fisicamente, ser muito exigente fazer um trabalho multimédia sozinha. Desta feita, a essas exigências juntou-se o facto de, muito embora fosse claro o meu papel no evento, não deixar de ser uma mulher sozinha em pleno Salão Erótico. Devo acrescentar que era a única mulher sozinha no recinto.

Durante as cinco horas em que percorri de ponta a ponta o Pavilhão Multiusos de Gondomar, senti na pele o que é tentar trabalhar debaixo do desrespeito por quem o

² Entrevistas a membros do público em geral, sobre determinada temática.



faz. Ouvi de tudo, desde as bocas que as senhoras estão habituadas a ouvir na rua por parte de alguns cavalheiros menos educados, até coisas muito piores do que essas. Nunca, para mim, trabalhar foi tamanho sacrifício como nesse dia. Mas resisti, respirei fundo e continuei a tentar.

Na segunda-feira seguinte, de volta ao JN, quando questionada sobre o trabalho e sobre o próprio evento, deparei-me com a solidariedade dos meus colegas... ou, pelo menos, da maioria deles. Mas isso não foi suficiente para deixar de sentir que não fizera um bom trabalho. Fiz o possível face às circunstâncias com que me deparei. Nem sempre as coisas correm como o planeado quando se faz uma reportagem, e esta não correu nada como o esperado. Acima de tudo, foi uma lição nesse sentido. Acabei por fazer um vídeo com os melhores momentos do Salão Erótico, que foi classificado como “bom para se conseguir uns cliques”. E, de facto, não foi mais do que isso.

4.5 Informar com fotografia

O passo seguinte, no ambiente multimédia, foi entrar no mundo das fotogalerias. A tarde já ia avançada quando o editor me pediu para parar o trabalho de pesquisa para a agenda de concertos do mês e fazer uma fotogaleria sobre a onda de tornados nos EUA (ver anexo 8). Perguntou-me se sabia trabalhar com o *Photoshop* e, desta vez, felizmente, os conhecimentos obtidos nas aulas de Telemédia da Universidade eram suficientes para desempenhar a tarefa.

O primeiro desafio foi a escolha de fotografias. Uma consulta pelo Millenium Pictures³ mostrou-me centenas de fotos da catástrofe. Cenas de destruição inundaram o ecrã do computador. Com as informações que tinha dos acontecimentos, procurei as imagens mais informativas e tratei-as no *Photoshop* para que ficassem com as dimensões e resolução adequadas. Seguiu-se depois a escrita das legendas. O critério, aqui, não era claro. Disseram-me que escrevesse mais que uma linha, se possível, mas não excedesse em muito as duas. Tentando manter um equilíbrio com estas regras, a necessidade de

³ Software informático que alberga as imagens das diferentes agências noticiosas.



Universidade do Minho

contar a história e aquilo que as fotografias mostravam, escrevi as legendas e fiz a fotogaleria com oito imagens.

Mais tarde, em vésperas de fim de estágio, quando cheguei à redacção, um trabalho semelhante já estava à minha espera. Era preciso fazer alguma coisa sobre os Óscares e coube-me a mim esta tarefa (ver anexo 9). Mais uma vez, pretendiam que seleccionasse fotografias da cerimónia, essencialmente dos principais vencedores, e que escrevesse um pequeno texto sobre cada uma das categorias. Desta vez não se tratava de legendas, mas sim de texto, cujo conteúdo e tamanho ficaram entregues aos meus critérios.

Depois de ler sinopses dos filmes, biografias de realizadores e de actores, e alguns discursos, resolvi adicionar uma ou outra curiosidade sobre a história de edições anteriores dos Óscares.



5. O último dia

O último dia do estágio ficou marcado por um último trabalho a ser entregue. Tratava-se da minha tarefa mensal de fazer a agenda de concertos do mês para o blogue “Ao Vivo”(anexo 10). A agenda consiste num pequeno calendário com a data e local dos principais concertos, acompanhado depois de um texto que fala sobre as bandas e dá mais detalhes sobre outros espectáculos marcantes.

A hora da despedida chegou com alguma emotividade à mistura, o que em parte me surpreendeu. Foi, sem dúvida, uma experiência enriquecedora para alguém que, como eu, nunca havia entrado na redacção de um grande jornal. Foi bom partilhar três meses da minha vida com jornalistas a sério, trabalhar, conversar e aprender com eles.

O meu estágio não foi como eu imaginava. Não digo com isto que foi pior, ou melhor, apenas que foi diferente. Mas apesar disso (ou talvez por isso mesmo), foi bom.

Fiz coisas diferentes, algumas mais aliciantes do que outras, mas todas importantes, porque todas me ensinaram algo. Não me aborreceu fazer trabalhos que eram classificados como “chatos” ou trabalhos para estagiários, porque também esses trabalhos (leituras e pesquisas) fazem parte do jornalismo e, com eles, só reforcei a ideia de que o ideal é sempre trabalhar com muita informação. Seriam todos beneficiados se os jornalistas tivessem tempo e disponibilidade para estar informados ao detalhe sobre os temas que tratam – o que, infelizmente, nem sempre acontece. Aprendi também que trabalhar numa redacção *online* não é tão simples como pode parecer à partida. A evolução nesta área exige muitos conhecimentos técnicos, implica lidar com uma nova linguagem e, acima de tudo, obriga a uma grande capacidade de “desenrasque”.

Disseram-me, na despedida, que é preciso muita persistência para arranjar trabalho como jornalista. Achei que era uma afirmação banal, mas, agora que a sinto na pele, vejo como é verdadeira. No entanto, os três meses passados no JN reforçaram a minha certeza de querer ser jornalista, agora com uma visão ainda mais realista do que este trabalho exige.



6. Síntese

A primeira parte deste trabalho versou sobre a minha experiência pessoal como estagiária na secção *online* do Jornal de Notícias.

Durante os três meses de estágio, tive a oportunidade de lidar de perto com a rotina da redacção do JN e com os profissionais que aí trabalham, o que se revelou uma vivência enriquecedora e que serviu de ponto de partida para reflectir sobre o jornalismo e os jornalistas em geral, e sobre o jornalismo *online* em particular.

Durante o estágio, estive entre dois modelos de *sites* noticiosos muito diferentes e com níveis de exigência igualmente díspares. Da experiência dos trabalhos desenvolvidos para o novo *site* do JN pude ver que são exigidos aos jornalistas conhecimentos técnicos que à partida pareciam ser pouco importantes para um profissional da imprensa. Em particular as experiências de reportagem, na qualidade de jornalista e repórter de imagem, em simultâneo, foram aprendizagens marcantes que, por terem levantado algumas dificuldades, tornaram-se a principal fonte de inspiração para o tema de reflexão da segunda parte deste trabalho. Assim, a oportunidade de sentir na pele os desafios que este tipo de jornalismo representa, e como tem vindo a evoluir rapidamente, fez-me questionar até que ponto a profissão de jornalista está a mudar e como os profissionais se preparam para essas mudanças.

É partindo da experiência adquirida durante o estágio, bem como da observação ali realizada, que me proponho desenvolver, na segunda parte deste trabalho, uma reflexão teórica sobre a evolução do jornalismo *online* e sobre os múltiplos desafios que essa evolução impõe aos jornalistas.



II PARTE – O JORNALISMO NO UNIVERSO "ON LINE"

1 . Internet: uma breve história da Rede

Não há uma data única para o nascimento da Internet mas é seguro afirmar que a Rede que hoje conhecemos é filha da Guerra Fria (Bogo, 2000). De facto, foi o receio de um hipotético ataque nuclear da União Soviética que levou à ideia da criação de uma rede descentralizada, de modo a que as informações, armazenadas nos computadores militares, não se perdessem para sempre em caso de ataque.

A ideia foi apadrinhada pelo Pentágono e, com base no conceito de rede descentralizada, nasceu a ARPANET, em 1969, ligando quatro universidades dos Estados Unidos. Rapidamente o propósito inicial da ARPANET foi extrapolado e os utilizadores passaram a usá-la “para colaborar em projectos, para trocar notas de trabalho e, eventualmente, conversar sobre assuntos fúteis” (Monteiro, 1998).

A partir daqui, a história da rede é marcada pela rapidez de desenvolvimentos. Em 1973, a ARPANET atravessa o Atlântico, passando a ligar a University College, em Londres, e o Royal Radar Establishment, na Noruega. O número de utilizadores da ARPANET cresceu exponencialmente durante a década de 80 do século XX, até ser desmantelada pelo Departamento de Defesa dos EUA e rebaptizada, passando a denominar-se popularmente de Internet (Bogo, 2000). O nome é o que hoje conhecemos, mas as potencialidades que actualmente a Internet oferece só são possíveis graças à criação da *World Wide Web (WWW)*, um sistema de visualização da informação baseado no hipertexto. Com a *WWW*, para além de texto, a rede passa a integrar imagem, vídeos e sons, e transforma-se num sistema público à escala mundial: qualquer pessoa ou computador previamente autorizado pode conectar-se à Internet.

Em Portugal, a Internet começou a ser utilizada na década de 80 do século XX por algumas Universidades e empresas. Mas, tal como no resto do mundo, foi a partir de 1990 que o seu uso se generalizou. Os órgãos de comunicação social passam a prestar



Universidade do Minho

atenção aos desenvolvimentos da rede, fazendo dela notícia, e, também, explorando as suas potencialidades em proveito próprio.



2 . Internet e Jornalismo

Com tantos benefícios no acesso à informação, não tardou que o jornalismo se encontrasse com a *World Wide Web*. Considera-se que o jornalismo *online* nasce em 1981, nos Estados Unidos, com o *Columbus Dispatch* a disponibilizar a sua edição *online*, mediante o pagamento de uma taxa (Mattoso, 2003:19).

Segundo Serra (2003), a relação da Internet com o jornalismo pode ser definida tendo em vista quatro níveis que dizem respeito quer à produção, quer à recepção das notícias.

Quanto à produção, a Internet pode ser vista como:

1. Uma **fonte de informação**, não só para os jornalistas *online*, mas também para os jornalistas que trabalham nas redacções ditas convencionais. O potencial ilimitado da rede coloca informação ao serviço dos jornalistas mas também, em sentido contrário, o jornalista pode “mediante a inserção de hiperligações adequadas na sua notícia ou no seu artigo (...) permitir ao próprio receptor, o cidadão em geral, o acesso às, e a verificação das fontes em que se baseia, podendo o jornalismo ganhar, assim, uma credibilidade acrescida” (Serra, 2003: 39).
2. **Meio de publicação**, com todas as características particulares da Internet como novo *medium*.

Por outro lado, como meio de recepção de notícias, a Internet funciona como:

3. **Espaço de interactividade**, ao potenciar a “participação do receptor na crítica da informação recebida e na própria produção de informação”. (Serra, 2003: 40).
4. **Como *medium* personalizado**: “Ao permitir que cada utilizador faça o seu próprio ‘percurso’, transforma uma informação que, à partida se dirige para uma audiência potencialmente universal – toda a informação para todos -,



em informação que é recebida e apropriada de forma individual (Serra, 2003: 40).

Graças a todas estas potencialidades, a Internet passou a oferecer ao jornalismo mais do que o aditivo de um sentido, como fizeram a rádio com o som e a televisão com a imagem (Alves, 2006). As novas ferramentas ao serviço da troca de informações apresentam a possibilidade de revolucionar as relações entre as empresas de comunicação, as fontes e os leitores (Bianco, 2004) e a criação de um “produto completamente novo: a webnotícia” (Canavilhas, 2001:1). Este último autor explica esta ideia ao constatar que, tal como a rádio e a televisão têm linguagens próprias, o mesmo se passa com a Internet enquanto novo meio: “A Internet, por força de poder utilizar texto, som e imagem em movimento, terá também uma linguagem própria, baseada nas potencialidades do hipertexto e construída em torno de alguns dos conteúdos produzidos pelos meios existentes” (Canavilhas, 2001 :2).

O jornalismo *online* poderia, então, ser definido como “um quarto tipo de jornalismo – produzido quase exclusivamente para a *World Wide Web* (...) distinguido funcionalmente de outros tipos de jornalismo através da sua componente tecnológica enquanto factor determinante em termos de definição (operacional) – tal como anteriormente aconteceu relativamente em termos da imprensa escrita, rádio e televisão” (Deuze, 2006:18).

Considerando a definição de Deuze (2006) do jornalismo *online* como um “quarto tipo de jornalismo”, podemos concluir que, para além da possibilidade de integrar texto, som, vídeo e imagem, o jornalismo *online* apresenta outras características específicas do meio em que é produzido. A este propósito, Bardoel & Deuze (cit. em Mielniczuk, 2001: 3) apontam quatro elementos característicos do jornalismo *online*: interactividade, customização do conteúdo, hipertextualidade e multimidialidade.

- A **interactividade** relaciona-se com o facto de o leitor poder interagir de imediato com o que lê. A notícia “deve ser encarada como princípio de algo e não fim de si própria. Deve funcionar como o “tiro de partida” para uma



discussão com os leitores” (Canavilhas, 2001:3). Isto processa-se através da disponibilização de um espaço de comentário à notícia, fóruns e/ou *chats* de discussão e troca de *e-mails* com o jornalista que assina a peça.

- A **costumização do conteúdo** consiste na possibilidade de o *webleitor* configurar os produtos a que vai ter acesso mediante o seu interesse pessoal.
- A **hipertextualidade** consiste na possibilidade de interconectar textos na rede ajudando a contextualizar os temas e guiando os leitores (Hall, 2001).
- A **multimedialidade** corresponde ao que foi discutido acima sobre a possibilidade de integrar no trabalho noticioso os vários formatos dos órgãos ditos tradicionais (texto, som, imagem).

A estas características, Jorge Pedro Sousa vai acrescentar mais duas que parecem também ser muito importantes e definidoras da identidade própria do jornalismo *online*, pelo que não podem deixar de ser referidas neste trabalho:

- A **glocalidade**, que se relaciona com o alcance mundial que ganham as notícias publicadas na rede, pois, conforme o explicado acima, a rede ganhou ela própria um alcance mundial.
- A **instantaneidade**. Esta última característica revela-se de especial importância porque nos conduz a uma particularidade muito distintiva dos jornais com publicação na *web*: “uma cultura de *breaking news*” (Hall, 2001: 55) permitindo que as notícias sejam publicadas, muitas vezes, quando os eventos que lhes dão origem ainda estão a acontecer.

Do mesmo modo que o século XX ficará sempre associado à radiotelevisão, o século XXI será provavelmente o século que ficará assinalado na história da comunicação como a era das tecnologias multimédia (Deuze, 2006) que, com uma linguagem e ferramentas próprias, oferecem a possibilidade de revolucionar as práticas do jornalismo e dos jornalistas.



2.1 O caso português

Em Portugal, o jornalismo *online* conta com pouco mais de uma década. Durante este período de tempo, várias publicações exclusivamente destinadas à Internet foram criadas e os jornais, rádios e televisões construíram as suas próprias páginas *web*. No entanto, as características particulares deste novo meio ainda permanecem inexploradas pelos principais órgãos de comunicação social no nosso país. Daí podermos dizer que “esta primeira década do jornalismo digital foi caracterizada por este pecado original: a simples transferência do conteúdo de um meio tradicional para outro novo, com pouca ou nenhuma adaptação” (Alves, 2006:94). A aposta do jornalismo *online* português continua, por enquanto, a ser sobretudo nas notícias de última hora, desde o primeiro momento muito procuradas pelo público português, um comportamento que se consolidou após os ataques terroristas nos EUA, a 11 de Setembro de 2001 (Silva, 2006).

Cabrera Gonzalez (cit. em Canavilhas, 2005: 1) propõe uma subdivisão em quatro fases no desenvolvimento do jornalismo *online*, de acordo com o desenvolvimento dos conteúdos que as páginas *web* dos órgãos de comunicação apresentam. Assim, numa primeira fase, temos o “fac-simile”, quando estamos perante a digitalização ou versão PDF do jornal impresso. A segunda fase, a do modelo adaptado, corresponde à reprodução dos conteúdos da versão escrita, mas apresentados com um *layout* próprio. O modelo digital – que corresponde à terceira fase – caracteriza-se também pelo *layout* próprio, mas acrescido da utilização de hipertexto, da possibilidade de comentar e das notícias de última hora. Por fim, o modelo multimédia corresponde à fase em que as publicações tiram o máximo proveito das características da Internet, apostando em integrar som, imagem, vídeo e animações.

Uma visualização das páginas *web* dos meios de comunicação social em Portugal permite concluir que a grande maioria se encontra na fase do modelo digital, sendo as notícias de última hora a grande aposta.

Um estudo sobre o aproveitamento das potencialidades da Internet por parte dos meios de comunicação nacionais revela que esse “ nível de aproveitamento (...) situa-se em 21,5% nos conteúdos e dispositivos de acesso livre” (Zamith, 2006: 34). O mesmo



estudo demonstrou que “a instantaneidade é a única potencialidade com um aproveitamento superior a 50%, o que demonstra que, na generalidade, os ciberjornais portugueses já se desprenderam das amarras das classificações periódicas tradicionais da imprensa, rádio e televisão, difundindo material jornalístico a qualquer momento, como sempre fizeram as agências noticiosas” (Zamith, 2006 :47).

Apesar de o cenário parecer pouco animador, isto não significa que o jornalismo *online* em Portugal não venha a evoluir. Pelo contrário, um acompanhamento informal dos *sites* noticiosos do país mostra que há uma tendência de caminhar na direcção do modelo multimédia, aumentando a interactividade e multimedialidade. Esta tendência revela-se natural se tivermos em conta, desde logo, o facto de o jornalismo, como actividade humana que é, se encontrar submetido a uma evolução constante e natural. Anabela Gradim corrobora esta ideia, afirmando que as “novas formas não surgirão de geração espontânea, radicalizando cortes com os modelos de apresentação clássicos, mas, pelo contrário, evoluirão gradualmente a partir das antigas, proporcionando ‘pontes de familiaridade’ com as rotinas cognitivas estabelecidas pelos destinatários” (Gradim, 2002: 3).

Em 2006, os responsáveis do Projecto para a Excelência no Jornalismo⁴ (cit. *in Público*, 2006), constatavam que a tendência para o futuro do jornalismo passava cada vez mais pela Internet. Também no nosso país, o estudo “A Internet e a Imprensa em Portugal”, efectuado em 2003 pela Associação Portuguesa de Imprensa em conjunto com a empresa Vector21, revelava números que justificam as vantagens de investimento no *online*, ao prever que, em 2005, 42% dos internautas viriam a ser leitores de publicações jornalísticas na Internet.

⁴ O “Project for Excellence in Journalism” (PEJ) foi fundado em 1997, na Columbia School of Journalism, nos EUA. É uma organização sem fins lucrativos ou políticos que tem como objective estudar e avaliar a performance da imprensa. É dirigido por Tom Rosenstiehl.



3 . Jornalistas *online*

Enquanto meio com uma linguagem e características próprias (Lopéz, 2006), a Internet veio impor uma série de novos desafios aos profissionais do jornalismo. Carl Stepp (1996) defende que, ao criar novas formas de jornalismo, a Internet está a criar também uma nova espécie de jornalistas – os jornalistas *online* ou *webjornalistas*. Pavlik (cit. em Aroso, 2003: 1) afirma que este novo tipo de jornalista “tem que ser mais do que um contador de factos, o papel do jornalista como intérprete dos acontecimentos será expandido e em parte modificado e os jornalistas *online* terão um papel central na ligação entra as comunidades”.

Mas, afinal, o que distingue os jornalistas *online* dos jornalistas que trabalham nos meios ditos convencionais? Precisa o jornalista *online* de mais competências? Tem características diferentes?

3.1 - Linguagem web

Já vimos que o jornalismo *online*, devido às potencialidades da Internet, apresenta características próprias. Mas será que essas características “obrigaram” a criar uma nova linguagem para o jornalismo feito na e para a *web*?

Concha Edo (2002) é de opinião que os textos produzidos para a Internet devem ser breves e, idealmente, não ultrapassar o espaço de um ecrã, evitando que o leitor tenha que “rolar” a página até ao fundo para aceder à informação. Deste modo, os jornalistas devem demonstrar uma “capacidade de síntese (...) unida a um conhecimento do tema que facilite a selecção das questões essenciais sobre as secundárias e um domínio da linguagem que, prescindindo com eficácia dos adjectivos irrelevantes, encontre as palavras certas sem desvirtuar o conteúdo” (Edo, 2002: 10).

Esta capacidade de síntese deve ser maior ainda nas notícias de última hora, conseguindo, em simultâneo, “níveis de qualidade linguística comparáveis ao textos de



maior envergadura, porque, na maior parte dos casos, esses textos (...) são os únicos que vão ser lidos por quem visita a página” (*ibidem*:16).

A propósito desta temática, também João Canavilhas (2006) propõe a necessidade de criação de uma nova estrutura para as notícias concebidas para a Internet, em detrimento da técnica da pirâmide invertida.

A técnica da pirâmide invertida resume-se da seguinte forma: a redacção da notícia deve iniciar-se pelos aspectos mais importantes dos factos, mais concretamente respondendo às perguntas “O quê”, “quem”, “onde”, “quando”, “como” e “porquê”. Nascida por necessidades técnicas inerentes ao período da Grande Recessão, nos Estados Unidos, esta técnica de redacção mantém-se em uso até hoje. No entanto, “usar a técnica da pirâmide invertida na *web* é cercear o *webjornalismo* de uma das suas potencialidades mais interessantes: a adopção de uma arquitectura noticiosa aberta e livre de navegação” (Canavilhas, 2006: 27).

Partindo do pressuposto de que o espaço virtual da rede é potencialmente ilimitado, Canavilhas (2006) estudou o modo de leitura das notícias *online*. O estudo concluiu que 76,5% dos leitores passam a um segundo nível de leitura seguindo logo o primeiro *link* do texto. No total, 77%, dos leitores seguem o seu próprio percurso de leitura, aproveitando a hipertextualização dos conteúdos. De facto, “a flexibilidade dos meios *online* permite organizar as informações de acordo com as diversas estruturas hipertextuais. Cada informação, de acordo com as suas peculiaridades e os elementos multimédia disponíveis, exige uma estrutura própria” (Salaverria, cit. em Canavilhas, 2006: 30). Concha Edo (2002) defende que a linguagem *online* é complexa por ser, acima de tudo, múltipla. Esta complexidade é demonstrada no estudo de Canavilhas, segundo o qual os leitores tendem a fazer uma leitura não linear, seguindo os *links* de modo a esgotar toda a informação possível sobre um determinado tema ou assunto.

No seguimento, o autor propõe então uma mudança de fundo quanto à organização dos materiais noticiosos para a *web*: “Este comportamento aponta no sentido das técnicas de redacção na *web* implicarem uma mudança de paradigma em relação ao que se verifica na imprensa escrita. Se, no papel, a organização dos dados evolui de forma decrescente em relação à importância que o jornalista atribui aos dados,



na *web* é o leitor quem define o seu próprio percurso de leitura. A técnica da pirâmide invertida, preciosa na curta informação de última hora, perde a sua eficácia em *webnotícias* mais desenvolvidas, por condicionar o leitor a rotinas de leitura semelhantes às da imprensa escrita” (Canavilhas, 2006: 32).

Uma opção para a escrita *web*, tendo em conta a hipertextualidade do meio, e por oposição à pirâmide invertida, seria a pirâmide deitada (Canavilhas, 2006). Este modelo compreende uma unidade base, correspondente ao *lead*, que responde ao “o quê”, “quando”, “quem” e “onde”; o nível de explicação, que responde ao “como” e “porquê”; o nível da contextualização, que oferece informação complementar em formato de vídeo, som, e outros; por fim, o nível de exploração, que relaciona a notícia a arquivos externos.

Estamos perante uma arquitectura de notícia bastante diferente, mais adequada às potencialidades e características do meio Internet.

3.2 – A relação com as fontes

O estudo da relação jornalista/fontes de informação não é novo e tem sido amplamente discutido no campo académico. Para a abordagem deste tema, podemos partir do seguinte pressuposto básico: “a negociação entre jornalistas e fontes de informação resolve-se, em última análise, a um nível informal e privado e é uma relação mediada por uma condição essencial: a confiança” (Marinho, 2000: 351). Mas a chegada da Internet veio também “abrir novos horizontes ao trabalho de investigação jornalística” (Fidalgo, 2003: 59).

De facto, mesmo os profissionais que exercem fora do ambiente *online* utilizam a rede como fonte de informação. “Um estudo realizado junto de 2500 profissionais da área, por dois investigadores norte-americanos, citado por Pavlik, conclui que 93 por cento dos participantes utilizavam a Internet como espaço de procura de informação e que 9 por cento dos que responderam indicavam a Internet como principal fonte de notícias” (Barbosa, 2003: 110). Cabe, então, perguntar se a rede, com as características



que lhe são conhecidas, já descritas neste trabalho, se comporta de forma distinta das outras fontes de informação e se os jornalistas são levados a lidar com ela também diferentemente.

Assim, em primeiro lugar é necessário deixar claro que “as notícias *online* obedecem no fundo e genericamente aos mesmíssimos critérios de verdade jornalística válidos para imprensa, rádio e televisão” (Fidalgo, 2003: 59). Apesar disto, autores como Elias Machado (2002) defendem que uma nova forma de jornalismo vai exigir uma nova forma de pesquisa e acesso à informação. “ O estudo de Koch demonstra que, no modelo clássico, antes do relato ser publicado o jornalista deve encontrar os factos, buscar os produtores de factos para contestar os indícios com os factos arquivados no jornal, além da obrigação de entrevistar parlamentares ou funcionários vinculados ao assunto. No caso da apuração electrónica, (...) Koch lembra que, antes do relato contextual dos factos, o jornalista consulta dados armazenados ou fontes disponíveis no ciberespaço, entrevista os sujeitos dos factos e avalia o conteúdo das declarações tanto no espaço electrónico quanto nas páginas impressas” (Machado, 2002: 4).

O alcance da Internet, excepto em casos de info-exclusão por motivos económicos e/ou políticos, é universal (Gradim, 2003), criando uma extraordinária multiplicidade de fontes. Isto é um facto, mas se essa multiplicidade de fontes é, ou não, benéfica para o jornalismo e os jornalistas, é motivo de discórdia. Por um lado, a “extraordinária multiplicação das fontes mostra que a recolha de informação se tornou, com o *online*, mais plural e diversa. A confirmação das notícias é mais fácil e rápida que nunca” (Fidalgo, 2003: 59). Mas, por outro lado, há autores que defendem que “a estrutura descentralizada do ciberespaço complica o trabalho de apuração dos jornalistas das redes devido à multiplicação das fontes sem tradição especializada no tratamento das notícias, espalhada agora à escala mundial” (Machado, 2002:4). Os dois autores usam o mesmo argumento – a multiplicação das fontes a uma escala global – para defenderem pontos de vista diferentes, e creio que ambos estão correctos nas suas afirmações. A multiplicação das fontes de informação acarreta vantagens e desvantagens com as quais os jornalistas têm que aprender a lidar.



Efectivamente, embora a informação na rede possa ser acedida de modo instantâneo, “cada indivíduo ou instituição, desde que munido das condições técnicas adequadas, pode inserir conteúdos no ciberespaço devido à facilidade de domínio de áreas cada vez mais vastas” (Machado, 2002: 6). Os populares blogues são um exemplo deste fenómeno. Assim sendo, embora a informação na Internet possa ser consultada rápida e facilmente, como distinguir o que é credível ou não? Muitos poderão dizer que este problema é, no fundo, o mesmo que se coloca nos meios de comunicação fora da *web*. A esses, lembramos a dimensão da Internet, que torna “ as possibilidades de transvestir a informação, de a falsificar, de a manipular, infinitamente mais potentes” (Serra, 2003: 39).

Serra (2003) propõe duas soluções para este impasse: o jornalista pode servir-se das hiperligações para permitir ao próprio leitor a consulta da fonte de informação em que baseou para a construção da notícia, ou pode “seleccionar fontes que correspondam a instituições, organizações ou indivíduos conhecidos prévia e exteriormente à Web, sejam ou não oficiais” (Serra, 2003: 44).

3.3 – Jornalistas online e multimedialidade

No artigo *So you want to be an online journalist?*, Lassica (1997) afirma que o jornalismo na *web* está para ficar e oferece uma série de pistas sobre como entrar nesta nova área. O primeiro requisito na lista é a paixão pelo jornalismo desenvolvido para a *web*. “O talento não chega”, defende este autor (Lassica, 1997:1), lembrando as longas horas de trabalho nem sempre bem remuneradas. O artigo aconselha os aspirantes ao cargo de jornalistas em redacções *online* a terem a sua própria *web page* e a publicarem os seus trabalhos em outras páginas.

Não menos importante é a aprendizagem de ferramentas relacionadas com as potencialidades multimédia da Internet. Lassica (1997) fala em estudar HTML e *webdesign*, aprender a editar *clips* áudio e vídeo, “brincar” com o *RealAudio*, *QuickTime*, *Schockwave*, *Director* e *Photoshop*, mas, para realmente impressionar o



potencial empregador e ter um diferencial em relação à concorrência, convém pensar mais além. As ferramentas do futuro, diz Lassica (1997), envolvem o 3-D e linguagem de modelação da realidade virtual.

O cenário traçado pelo autor parece assustador, ao exigir competências que parecem mais próximas do informático do que do jornalista. No entanto, olhando para o cenário de potencialidades da Internet e para a tendência que o jornalismo revela para aproveitar ao máximo essas potencialidades, facilmente percebemos que, em termos de formação e conhecimentos técnicos, o jornalista *online* tem que estar sempre um passo à frente. De facto, sem serem tão específicos quanto Lassica, diversos autores que tratam este tema são unânimes em defender que novos desafios a nível dos conhecimentos e formação são – e serão cada vez mais - exigidos aos profissionais das redacções *online*. Falamos de uma série de novas aptidões para lidar com ferramentas *web*: saber como utilizar a Internet para pesquisar de forma eficiente, elementos de programação HTML, captura de produção de áudio e vídeo e ferramentas de tratamento adequado (Millison, cit. em Aroso, 2003).

Para explorar em pleno a multimedialidade da Internet, os jornais *online* precisam de jornalistas multimédia, profissionais cujo trabalho vai além da redacção de textos e engloba, antes, “explorar todos os formatos possíveis a serem utilizados numa estória de modo a permitir a exploração das características-chave do novo médium: a convergência” (Bastos, 2006:107). Também neste sentido, Anabela Gradim (2002) fala do jornalista multimédia do século XXI como um *one man show*, “uma espécie de MacGyver. Homem dos mil e um recursos, trabalha sozinho, equipado com uma câmara de vídeo digital, telefone satélite, laptop com *software* de edição de vídeo e HTML, e ligação sem fios à Internet” (Gradim, 2002: 1).

Bastos (2006) refere que num estudo realizado nos Estados Unidos, junto de empregadores na área da informação *online*, 70% procuravam funcionários “que pudessem actualizar e manter material sujeitos ao factor tempo, bem como editar e reescrever estórias, enquanto mais de metade exigia profissionais prontos a utilizar estratégias de pesquisa online, a criar produtos multimédia e a saber trabalhar com HTML” (Bastos, 2006: 107).



Mas, se há entusiastas deste jornalista “faz-tudo”, também há críticas, pertinentes, sobre a garantia de competência destes *show men*. Gradim (2002) chama atenção para o facto de “aos jornalistas que produzem peças para múltiplos suportes sobrar menos tempo para dedicar à investigação e verificação dos factos; e para a necessidade de não afrouxar os padrões de qualidade na reportagem multimédia, sob a pena de perda de credibilidade e subsequente rejeição por parte do público (Gradim, 2002: 8).

De facto, não podemos esquecer que os jornalistas *online* são, antes de tudo, jornalistas. Assim, Lassica (1997) lembra também que o jornalista *online*, à semelhança dos profissionais do jornalismo dito convencional, não pode descurar um forte conhecimento das bases da profissão, nomeadamente o rigor, a ética, a escrita correcta e atractiva e boas técnicas de entrevista.

Um bom resumo das características do jornalista *online* é apresentado por Lizy Zamora: “O jornalista não deve ser o profissional de um só meio de comunicação; deve adiantar-se às necessidades da audiência, explorando os fóruns de discussão, o chat e as possibilidades do correio electrónico para satisfazer esta procura; será um especialista nas novas tecnologias, deverá contar com suficientes critérios para apurar a veracidade das informações que obtenha na rede; a interactividade do jornalista será outra fonte de informação; deverá ter uma grande habilidade, inteligência e capacidade de selecção, para procurar e encontrar a informação de que necessita; terá de fortalecer os princípios éticos e deontológicos; conforme os factos vão acontecendo, resumirá à audiência o mais importante do momento; deverá ter uma maior preparação tanto em ciências da Informação como em cultura geral” (Zamora, cit. em Aroso, 2003:2).



4 - Formação dos jornalistas online

Já vimos que os jornalistas *online* enfrentam desafios novos no âmbito da profissão, fruto do desenvolvimento da Internet e da tendência dos meios de comunicação para tirarem um maior proveito das potencialidades deste novo meio, mas tivemos o cuidado de referir que isto não invalida – pelo contrário, em certa medida aumenta – a necessidade de conhecimentos de base sobre o jornalismo. Neste contexto, convém pensar um pouco na questão da formação que as universidades oferecem, hoje, para preparar os jovens estudantes para o mundo do jornalismo na *web*.

Xosé Lopéz (2006) foca, a este propósito, um ponto interessante: o facto de, ainda hoje, permanecer vivo o debate a respeito da melhor opção para a formação dos profissionais do jornalismo. De facto, muito se discute, ainda, sobre a necessidade e a importância, ou a falta delas, de os aspirantes a uma carreira no jornalismo optarem por frequentar um curso superior na área da Comunicação. Não cabe, neste momento, expressar a minha opinião pessoal a este respeito, mas, antes, fazer algumas considerações sobre como os cursos superiores existentes na área do jornalismo têm vindo a adaptar-se às transformações que a profissão vem sofrendo – e continuará a sofrer – fruto da sua difusão no meio Internet.

É uma facto adquirido que a incorporação de novas tecnologias marcou o início de uma nova era na transmissão de informação e, nesse sentido, “a formação dos jornalistas precisa de actualizações para responder às novas necessidades da sociedade e às mudanças que se produziram nos últimos anos, especialmente no campo da comunicação” (Lopéz, 2006:1).

A Universidade de Duquesne, Pensilvânia (EUA) arrancou, em 1997, com o curso de Jornalismo *Online*, ensinando aos seus alunos como dominar as ferramentas *web* (Bastos, 2006: 104). Em Espanha, o ensino do ciberjornalismo nas faculdades de comunicação teve início em 1996 (Lopéz, 2006). Já em Portugal, só no ano lectivo de 1999/2000 a cadeira de ciberjornalismo surge, pela primeira vez, no *curriculum* de uma universidade pública (Bastos, 2006: 104). Actualmente as Universidades do Porto,



Coimbra, Beira Interior e Minho contam também com cadeiras vocacionadas para o ensino do jornalismo digital (Bastos, 2006).

Apesar disso, o ensino do jornalismo *online* no nosso país começou tarde e a ritmo lento, mas as especificidades da Internet exigem uma formação de qualidade na área. Sem profissionais competentes, as redacções demorarão ainda mais tempo a adaptar-se às novas exigências de um meio de importância crescente e que se desenvolve muito rapidamente. Para fazer uso dos novos instrumentos ao dispor do jornalismo, “falta a muitos jornalistas portugueses formação, formação e mais formação” (Bastos, 2006: 103). Opinião semelhante tem Lopèz (2006), ao defender que “os jornalistas necessitam agora de uma boa formação na medida em que o seu trabalho é revestido de maior complexidade, tanto pelas novas ferramentas como pelo público actual, mais exigente. (...) Os centros de formação de comunicadores que procurem inovação precisam ter por base programas capazes de preparar profissionais que saibam contar histórias em todos os suportes.” (Lopèz, 2006: 124-125).

Um estudo de João Canavilhas (2004) sobre os jornalistas *online* em Portugal revela que 33,3% dos jornalistas inquiridos não teve qualquer tipo de formação específica. Entre os que tiveram formação, apenas 16,7% receberam formação específica no Ensino Superior e 9,3% no Cenjor. Apesar da baixa percentagem de profissionais que recebeu formação no ensino superior, 94,4% dos inquiridos defendiam que o jornalismo *online* devia ser introduzido no *curriculum* das escolas.

“A profissão está a ficar mais exigente, e os cursos que leccionam jornalismo também deverão sê-lo. Além de uma preparação técnica diversificada, para dominar pelo menos os instrumentos básicos da produção multimédia, o jornalista vai necessitar ainda de melhor preparação intelectual. Porque tudo lhe vai ser exigido. Depressa, e bem. Sem cometer erros, que numa profissão de tão elevada exposição pública se pagam normalmente caro.” (Gradim, 2002: 14).



5 - Ameaça ao jornalismo/ jornalista tradicional?

Perante tantas potencialidades ainda por explorar, e face ao grande sucesso que os meios de comunicação *online* vêm conhecendo, poderá este novo tipo de jornalismo ameaçar o jornalismo e o jornalista ditos tradicionais?

Jorge Pedro Sousa (s/d) defende que este cenário não é de esperar, pelo menos a curto prazo. O autor defende o seu ponto de vista sobretudo com recurso a argumentos técnicos: “A leitura em ecrã exige cerca de trinta por cento mais esforço dos olhos do que a leitura em papel (...), além disso o papel é portátil e manuseável” (Sousa, s/d: 4). O mesmo autor prevê, todavia, que, a longo prazo, os jornais *online* possam suplantar os jornais tradicionais: “O sucesso das versões *online* dos grandes jornais tradicionais é de tal forma que alguns desses jornais já têm conteúdos pagos e conteúdos especiais para assinantes. Mas o preço crescente do papel de jornal, e o aparecimento do *e-paper* e as crescentes potencialidades da informática e telecomunicações podem, a longo prazo – embora não tão longo quanto isso – contribuir para que o jornal de papel pouco mais venha a ser do que uma peça de museu e para que o jornal *online* ascenda ao estrelato” (Sousa, s/d:4).

Uma visão semelhante tem Tom Koch, que “vê na Internet o *medium* que permitirá não só que todos os cidadãos tenham acesso à informação pública relevante e aos meios de comunicação, possibilitando pela primeira vez uma verdadeira *vox populi*, um sistema de ‘notícias dos cidadãos’, como também que o jornalismo deixe de ser uma mera ‘coleção de citações’ de funcionários e especialistas, o mero eco da ‘primeira burocracia’, para passar a ser o quarto poder que nunca foi” (Koch, *apud* Serra, 2003: 42).

Apesar do cenário apocalíptico traçado por alguns autores, parece-me mais viável a previsão dos estudiosos que defendem que “o jornalismo terá todas as condições para se reinventar, em vez de, como proclamam alguns, ser gradualmente eliminado” (Bastos, cit. em Aroso, 2003: 3). Hall (2001), por seu lado, defende que não é de prever o fim do jornalismo impresso, até porque os leitores procuram a *web*, não como substituto dos jornais tradicionais mas por motivos específicos, como “para



encontrar informação que não está disponível noutros locais, durante guerras (...); por conveniência, muitas vezes a Internet está na sua mesa de trabalho ou em casa, e pela habilidade de pesquisar notícias por temas específicos” (Hall, 2001: 26). Também Elizabete Barbosa (2003) partilha desta visão, ao afirmar que não crê na possibilidade do fim do jornalismo, embora advirta que “os jornalistas devem encarar a possibilidade de verem as suas rotinas alteradas” (Barbosa, 2003: 111).

Efectivamente, já aqui discutimos o potencial da rede enquanto fonte inesgotável e universal de informação, mas é importante realçar que “o jornalismo não acaba por todos terem melhor acesso a fontes de informação, como acontece com os utilizadores da Internet. O cidadão continua a precisar que alguém se dedique a tempo inteiro a seleccionar, a sintetizar, a explicar” (Bastos, 2006: 103). Ou seja, o jornalismo e o jornalista continuam a ser necessários, ou talvez ainda mais necessários do que até então. Em vez de dispensar a mediação no acesso à informação, a Internet “reforça mesmo essa necessidade de mediação. Com efeito, (...) enquanto ‘cidadãos [que procuram estar] bem informados’, o que procuramos na *web*, como em qualquer outro *medium*, não é informação em geral, mas informação relevante, credível e contextualizada” (Serra, 2003: 45).

Na mesma linha de pensamento, Inês Aroso (2003) chama a atenção para a função de *gatekeeper* dos jornalistas que, defende, está a alterar-se. “As pessoas na redacção estão a modificar a sua definição de *gatekeeper*, passando a incorporar as noções de controlo, de qualidade e significado. Em particular, eles vêem o seu papel como o de intérpretes credíveis de uma quantidade de informação disponível sem precedentes” (Singer, cit. em Aroso, 2003: 4). Ou seja, mais do que “guardiães” da informação, os jornalistas passam a ser, cada vez mais, intérpretes. Assim, “com todas as fontes de informação que existem agora, serão os jornais *online* que melhor expliquem as notícias os mais bem sucedidos” (Dube, cit. Aroso, 2003: 4). Do mesmo modo, Elisabete Barbosa (2003) afirma que “a função de jornalista como *gatekeeper* não desaparece, mas transforma-se. A informação valerá cada vez mais não pela quantidade mas pela qualidade” (Barbosa, 2003: 112).



A mesma autora foca ainda a questão dos *weblogs*, um fenómeno que gerou controvérsia em torno da possibilidade de qualquer cidadão se transformar em jornalista. Este assunto já foi amplamente discutido na área, e penso ser consensual que não podemos considerar os *bloggers* automaticamente como jornalistas, mas “depois de uma primeira fase de guerra em que os jornalistas estavam contra os *bloggers* e estes contra os jornalistas, começou-se a pensar em como esta ferramenta poderia auxiliar os meios de comunicação. O britânico *The Guardian* tem, há já algum tempo, um *blog* onde reúne informação sobre temas variados” (Barbosa, 2003: 113). Também em alguns *sites* noticiosos portugueses, os blogues são já usados para tratar temas específicos e são integrados na página principal do órgão de comunicação, como é caso do Jornal de Notícias.

A propósito desta temática cabe ainda uma reflexão sobre a necessidade da credibilidade das publicações *online*, um dos pilares básicos do jornalismo. De facto, “prestígio, notoriedade, confiabilidade são factores que, se não são a mesma coisa, ao menos circundam o que geralmente é apontado como um imprescindível capital para jornalistas e meios de comunicação: credibilidade” (Christofotelli & Laux, 2007: 31).

As características do meio Internet, nomeadamente a sua instantaneidade, podem pôr em causa a necessidade de confirmar a informação, de forma a que o jornalista tenha segurança na fiabilidade do que escreve. “Os desenvolvimentos da Internet tornaram ainda mais presentes e prementes os constrangimentos de tempo com que o jornalista se confronta: cada vez é preciso chegar mais cedo, escrever mais depressa e transmitir com mais rapidez (...), [o que] vem propiciando atitudes do género ‘divulgo agora e confirmo depois’” (Fidalgo, 2005: 5). Alguns autores chamam a atenção para o facto de que, no *online*, a quantidade de notícias publicadas está “acima da sua qualidade, a velocidade vale mais do que a veracidade; a maior parte do conteúdo dos *sites* noticiosos é a cópia de material de outros veículos, nomeadamente agências, em detrimento da elaboração e apuração jornalísticas” (Adghirni cit. em Cristofotelli & Laux, 2007: 35).

Outro ponto que a ter em conta é o mar informativo que é a Internet, que faz com que tenha vindo a ser retirado aos jornalistas “o monopólio de difusão da



Universidade do Minho

informação sobre a actualidade no espaço público, permitindo a entrada de novos actores neste cenário” (Fidalgo, 2005: 4). Nesse sentido, vemos que, a bem da credibilidade que, com certeza, os leitores procuram, “agora mais do que nunca precisamos de jornalistas profissionais que ajudem a distinguir o trigo de notícias de confiança e opiniões credíveis do joio de rumores e propaganda que circulam na Internet” (Millison, cit. Aroso: 2003: 5).



6. Síntese

Após esta breve reflexão teórica sobre a evolução do jornalismo *online* e os desafios que se põe aos jornalistas que trabalham para a Internet, foi possível perceber que:

- A Internet é um meio com características muito particulares que criaram um novo tipo de jornalismo, um novo tipo de notícia e um novo tipo de jornalista.
- Este novo jornalismo caracteriza-se pela interactividade, customização do conteúdo, hipertextualidade, multimedialidade, glocacidade e instantaneidade.
- Fruto destas novas características, os jornalistas *online* têm que se adaptar de modo a produzir textos noticiosos mais sintéticos, uma vez que os *webleitores* têm tendência a procurar informação muito específica (contando com a possibilidade de customizar os conteúdos a que acedem). Para além disto, devem substituir a tradicional pirâmide invertida por uma técnica que seja mais eficaz tendo em conta as potencialidades do hipertexto.
- A relação com as fontes deve ser cada vez mais valorizada e cuidada. Por ser um meio global e potencialmente ilimitado, a Internet apresenta uma grande multiplicidade de fontes de informação, aumentando a possibilidade de vinculação de informações falsas e deturpadas. Os valores de verificação de conteúdos devem ser cada vez mais valorizados pelos jornalistas *online* que têm de enfrentar a instantaneidade do meio.
- Os conhecimentos técnicos exigidos aos jornalistas são cada vez mais. As exigências da multimedialidade “empurram” os jornalistas para um modelo de jornalistas multimédia.
- A formação é cada vez mais importante e valorizada. A profissão está mais exigente e as universidades com cursos de Comunicação e/ou Jornalismo têm de acompanhar esse nível de exigência.



Universidade do Minho

- As alterações que o jornalismo tem sofrido levam alguns autores a traçar um cenário que levaria ao fim da actividade jornalística. No entanto, muitos outros autores defendem que o jornalismo não acaba, mas a mudança é inevitável. Os jornalistas continuarão a existir, mas com funções diferentes, adaptadas a esta nova realidade: serão menos guardiães de informação e mais seus intérpretes.



CONCLUSÃO

O encontro entre o jornalismo e a tecnologia não é propriamente uma questão nova. Aliás, é talvez uma problemática bem mais antiga do que possa parecer à primeira vista, se pensarmos na invenção da prensa móvel, por Gutenberg, ou do telégrafo, por Morse. Mas, na verdade, quando falamos em tecnologia, o que salta mais facilmente dos meandros da nossa memória são os computadores, as ligações sem fios, a Internet. A explicação é simples: nenhuma das inovações acima referidas teve o mesmo impacto da Internet e das suas mil e uma potencialidades, já amplamente descritas neste trabalho. Este era o ponto de partida da presente reflexão. Houve uma mudança, ou uma possibilidade de mudança no jornalismo. E se algo muda no jornalismo, os jornalistas também são impelidos a mudar.

Embora em Portugal o aproveitamento da rede como meio esteja ainda muitos furos atrás de outros países, isto não significa que num futuro – talvez não tão próximo quanto o desejado, mas também não tão longínquo como alguns pensarão – os órgãos de comunicação não sintam a necessidade de investir os seus recursos nesta área. Conforme o descrito na primeira parte deste trabalho, tive a oportunidade de vivenciar esta mudança durante o período de estágio. O JN foi o primeiro jornal português na Internet, mas, perante as actualizações que outros órgãos de comunicação faziam nas suas páginas *web*, sentiu necessidade ele próprio de se renovar também, de criar uma página que tire maior proveito das potencialidades da Internet. Como não poderia deixar de ser, esta situação vai exigir um ajuste por parte dos jornalistas.

Enquanto estagiária no JN, o meu trabalho ficou dividido entre dois modelos de *sites*, por isso pude comprovar como são diferentes as exigências que são impostas aos jornalistas nestas duas situações. Enquanto trabalhava para o modelo antigo, o trabalho era sobretudo de secretária. Só no contexto de trabalho para o novo *site* pude viver a experiência de sair para o exterior em reportagem, sendo que estas saídas apresentavam características muito específicas: saía sozinha com todo o material necessário para a realização de uma reportagem vídeo. Mas são muitos mais os desafios impostos aos *webjornalistas*.



Uma das questões abordadas nesta reflexão é a problemática da relação com as fontes. Trata-se de uma questão de extrema importância no jornalismo, até porque o uso da Internet como fonte não é monopólio dos jornalistas *online*. A Internet é uma fonte inesgotável de informação, mas até que ponto podemos confiar nela? Na primeira parte deste trabalho, contei como me foi sugerido realizar uma pesquisa de dados com base na *Wikipédia*. Trata-se de uma solução rápida e fácil mas que, no meu caso, veio a revelar-se pouco segura. O problema foi resolvido com recurso a um *site* oficial do governo dos EUA, o que implicou um tempo de pesquisa muito maior, mas a fiabilidade dos dados divulgados por uma fonte oficial foi, neste caso, a solução mais eficaz.

De facto, os jornalistas *online* estão mais expostos aos perigos da contra-informação que circula na rede porque lidam com a variável tempo de um modo que nunca antes foi exigido aos profissionais do jornalismo. Diz-se que, quando falamos do *online*, falamos de actualidade no seu estado mais puro: o “aqui”, “agora”, neste exacto segundo. Mas, é preciso equilibrar a tentação da publicação rápida e a necessidade de confirmar a informação. Se se trata de um acontecimento que ainda está a decorrer, é preciso dar claramente ao leitor a indicação de que podem ocorrer alterações. Por isso foi reforçada, ao longo deste trabalho, a ideia de que a formação dos jornalistas *online* não pode nunca descurar os pilares básicos do jornalismo. A Internet vai continuar a ser o meio mais rápido: não precisa de esperar por impressão, nem por tempo de antena. Mas sem credibilidade não há jornalismo. Os valores éticos que norteiam a profissão não podem ser minimizados, seja qual for o meio em que as notícias sejam difundidas. Do mesmo modo, a necessidade de desenvolver técnicas de escrita mais ajustadas à inserção de hipertexto não pode comprometer a correcção gramatical e a criatividade da escrita.

Outra questão problemática é a dos desafios impostos pela multimedialidade. Conforme descrito na primeira parte deste trabalho, a imposição feita aos jornalistas *online* de dominarem a combinação de textos, fotos, vídeos, áudios, animação e gráficos, não é um mito, nem um cenário longínquo. É algo que já está a acontecer em algumas redacções no nosso país. No fundo, trata-se de enviar para o terreno um jornalista que vai desempenhar o trabalho que, idealmente, deveria ser feito por mais de



uma pessoa. Claramente, este tipo de jornalismo não é de todo desagradável aos olhos das empresas de comunicação social (pelas poupanças em pessoal que ele significa), já que entrar no mundo da Internet pode acarretar vantagens, mas também é sinónimo de avultados investimentos.

Sem dúvida que, actualmente, é muito importante para os jornalistas terem conhecimentos técnicos que lhes permitam trabalhar com áudio e vídeo. Não me parece absurdo que um jornalista faça a montagem da peça que escreveu, nem que eventualmente faça pequenas recolhas de imagens em vídeo quando sai em reportagem. Na verdade, da minha experiência pessoal, posso dizer que me agradou fazer a montagem das minhas reportagens, simplesmente porque, ao estar no terreno, senti-me mais preparada para montar a história, tinha uma visão do assunto muito mais ampla do que um técnico que tivesse ficado na redacção à espera das imagens para montagem. Mas confesso que ser jornalista e repórter de imagem em simultâneo é muito cansativo, física e psicologicamente e, ainda mais importante do que isso, não se ganha nada em qualidade.

Então, qual deve ser a regra dentro das redacções *online*? Em minha opinião, há que estabelecer um limite. A polivalência não pode ser mais valorizada que a qualidade. As redacções *online* podem arrancar com, literalmente, meia dúzia de jornalistas tipo McGyver, mas até quando vão sobreviver assim? Mais uma vez, repito, tal como na questão das fontes tem que haver uma sensibilidade, tem que se estabelecer um limite. Como isto se pode traduzir na prática, é um caminho que o jornalismo e os jornalistas terão de percorrer. Mas, para que isso aconteça de forma salutar, não podemos esquecer o ensino dos pilares mais básicos do jornalismo. Os meios mudam, as formas de produção também, os jornalistas são expostos a desafios constantes, mas nada disto significa o fim do jornalismo na sua essência, nem dos jornalistas com os seus direitos e deveres. É uma mudança, sem dúvida, um conjunto de desafios – que suscitam o entusiasmo de uns e a apreensão de outros –, mas não é um fim.



BIBLIOGRAFIA

Alves, Rosental (2006), "Jornalismo Digital: dez anos de web...e a revolução continua", *Comunicação e Sociedade*, vol.9, pp.93 – 102
(revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/cs_um/article/view/4751/4465),
acedido em 18-04-2008).

Aroso, Inês (2003), "A Internet e o novo papel do jornalista"
(www.bocc.ubi.pt/pag/aroso-ines-internet-jornalista.pdf),
acedido em 07-03-2008).

Barbosa, Elisabete (2003), "Jornalistas e público: novas funções no ambiente online", in
Fidalgo, António & Serra, Barbosa (org.), *Informação e Comunicação Online*,
vol.1, Covilhã: Universidade da Beira Interior

Bastos, Hélder (2006), "Ciberjornalismo, dos primórdios ao impasse", *Comunicação e Sociedade*, vol.9, pp 103 – 112
(revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/cs_um/article/view/4752/4466),
acedido em 07-03-2008).

Bianco, Nelia Del (2004), "A Internet como factor de mudança no jornalismo"
(www.bocc.ubi.pt/pag/bianco-nelia-internet-mudanca-jornalismo.pdf),
acedido em 18-04-2008).

Bogo, Kellen Cristina (2000), "A história da Internet – como tudo começou..."
(<http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=11&rv=Vivencia>),
acedido em 04-06-2008).

Canavilhas, João (2006), "Webjornalismo: da pirâmide invertida à pirâmide deitada", in
Barbosa, Suzana (org.), *Jornalismo Digital de terceira geração*. Labcom.
Universidade da Beira Interior.

Canavilhas, João (2005), "Do jornalismo online ao webjornalismo: formação para a
mudança". (<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-jornalismo-online-webjornalismo.pdf>),
acedido em 07-03-2008).

Canavilhas, João (2004), "Os jornalistas online em Portugal".
(<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-jornalistas-online.pdf>),
acedido em 23-01-2008).



Universidade do Minho

- Canavilhas, João (2001), "Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web" (<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf>>, acedido em 23-01-2008).
- Christofoletti, Rogério & Laux, Ana Paula (2007), "Confiabilidade, credibilidade e reputação: no jornalismo e na blogosfera", *Intercom – Revista brasileira de Ciências da Comunicação*, Vol. 3, pp. 24 – 49.
(<revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/viewDownloadInterstitial/4809/4522>, acedido em 04-06-2008).
- Deuze, Mark (2006), "O jornalismo e os novos meios de comunicação social", *Comunicação e Sociedade*, vol.9, pp. 49- 62
(<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/cs_um/article/view/4746/4460>, acedido em 08-05-2008).
- Edo, Concha (2002), "El lenguaje y los géneros periodísticos en la narrativa digital", in Barbosa, Suzana (org.), *Jornalismo Digital de terceira geração*. Labcom. Universidade da Beira Interior.
- Fidalgo, António (2003), "Síntaxe e Semântica das notícias online. Para um jornalismo assente em base de dados", in Fidalgo, António & Serra, Barbosa (org.) *Informação e Comunicação Online*, vol.1, Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Fidalgo, Joaquim (2005), "Novos desafios a um velho ofício ou... um novo ofício? A redefinição da profissão de jornalista"
(<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/7448>, acedido em 04-06-2008).
- Gradim, Anabela (2002), "Os géneros e a convergência: O jornalista multimédia no século XXI" (<<http://www.labcom.ubi.pt/agoranet/02/gradim-anabela-generos-convergencia.pdf>>, acedido em 21-02-2008).
- Hall, Jim (2001), *Online Journalism: A critical primer*. London: Pluto Press.
- Lassica, J. D. (1997), "So you want to be an online journalist?"
(<<http://www.ajr.org/Article.asp?id=1786>>, acedido em 07-04-2008).
- López, Xosé (2006), "Algumas propostas para vencer os desafios na formação dos ciberjornalistas", *Comunicação e Sociedade*, vol. 9, pp 121 – 128
(<http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/cs_um/article/view/4754/4468>, acedido em 18-04-2008).



Universidade do Minho

- Machado, Elias (2002) "O ciberespaço como fonte para os jornalistas"
(http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=648), acedido em 07-03-2008).
- Marinho, Sandra (2000), "O valor da confiança nas relações entre jornalistas e fontes de informação" (<www.lusocom.ics.uminho.pt/Resumos/s5/s5m1_3.htm>, acedido em 03-04-2008).
- Mattoso, Guilherme de Queirós (2003), Internet, Jornalismo e Weblogs: uma nova alternativa de informação"
(http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=772), acedido em 07-03-2008).
- Mielniczuk, Luciana (2001), "Características e implicações do jornalismo na web"
(www.facom.ufba.br/jol/pdf/2001_mielniczuk_caracteristicasimplicacoes.pdf), acedido em 06-04.2008).
- Monteiro, Manuel (1998), "Uma história da Internet"
(www.forevernet.pt/mjm/docs/Internet.pdf), acedido em 08-03.2008).
- Serra, J. Paulo. (2003), "A transmissão da informação e os novos mediadores", in António Fidalgo & Paulo Serra (Eds.), *Informação e Comunicação Online*, vol. I, Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Silva, Filipe Rodrigues (2006), " Jornalismo digital. Poder, responsabilidade e desafios", *Comunicação e Sociedade*, vol.9, pp. 161 - 166
(revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/cs_um/article/view/4760/4474), acedido em 10-04-2008).
- Sousa, Jorge Pedro (s/d). "Jornalismo Online" (<www.ipv.pt/forumedia/5/13.htm>, acedido em 08-05-2008).
- Stepp, Carl Sessions (1996), "The New journalist"
(<http://www.questia.com/googleScholar.qst;jsessionid=L1yThM6pvjvRsM9kDwzCBpJmPqv5P8xWjDdk5MF2GQhvfL49CQnB!2147452301?docId=5000340043>), acedido em 08-02-2008).
- Vários autores (2003), "A Internet e a Imprensa em Portugal"
(<http://www.vector21.com/pd/estudosmercado/>), acedido em 18-10-2007).
- Zamith, Fernando (2006), "O subaproveitamento das potencialidades da Internet pelos ciberjornais portugueses".
(http://prisma.cetac.up.pt/edicao_n4_junho_de_2007/o_subaproveitamento_das_potenc.html), acedido em 18-10-2007).



ANEXOS

Anexo 1 – Principais notícias produzidas sobre a morte de Benazir Bhutto

Líder da oposição paquistanesa morta após um comício

III► [Benazir Bhutto foi atingida a tiro antes de um bombista suicida se fazer explodir](#)

A líder da oposição paquistanesa, Benazir Bhutto, morreu hoje depois de ser atingida no pescoço e na cabeça quando entrava num automóvel, após um comício em Rawalpindi.

Os tiros foram disparados por um homem que em seguida se fez explodir, revelou o conselheiro de segurança do partido de Benazir Bhutto. "Às 06:16 (13:16 em Lisboa) ela morreu", disse Wasif Ali Khan, membro do partido que estava no hospital de Rawalpindi.

O senador Babar Awan, advogado de Benazir Bhutto, disse que "os médicos confirmaram que ela tinha sido martirizada".

Alguns apoiantes partiram vidros na principal porta de entrada do hospital, enquanto outros lavados em lágrimas não escondiam o desespero. Um homem com uma bandeira do partido amarrada à cabeça batia violentamente no peito.

O conselheiro de segurança da líder do Partido dos Povos do Paquistão (PPP), Reham Malik, disse aos media locais que Benazir Bhutto foi atingida a tiro, pouco antes da explosão. "Pedimos repetidamente ao governo que providenciasse segurança adequada e equipamento adequado, mas não deram atenção aos nossos pedidos", criticou.

O presidente paquistanês, Pervez Musharraf, decretou três dias de luto nacional.

Duas vezes primeira-ministra

Benazir Bhutto, de 54 anos, liderava o PPP. A ex-primeira-ministra exilou-se em 1999 no Dubai para escapar a um processo por alegado desvio de fundos públicos que lhe foi movido depois do golpe militar que em 1989 colocou o actual presidente, Pervez Musharraf, no poder.

Quando regressou ao país, graças a uma amnistia concedida por Musharraf depois de fortes pressões internacionais, Bhutto prometeu lutar contra qualquer ditadura e combater os radicais islâmicos no país.

Duas vezes primeira-ministra (1988-1990 e 1993-1996), Benazir Bhutto foi por isso ameaçada de morte pelos grupos radicais islâmicos se regressasse ao país, mas insistiu em fazê-lo e foi alvo de um primeiro atentado, do qual escapou ilesa, logo no dia em que regressou ao Paquistão.

Na altura, Bhutto acusou os partidários do antigo regime militar do general Mohamad Zia-ul-Haq de terem fomentado o atentado, que matou mais de 100 apoiantes seus. "Sei exactamente quem me quer matar. São os dignitários do antigo regime do general Zia que hoje em dia estão por detrás do extremismo e do fanatismo", afirmou então Bhutto numa entrevista ao semanário francês "Paris Match".

O mesmo destino do pai

III► [Benazir Bhutto foi duas vezes primeira-ministra do Paquistão](#)

Benazir Bhutto seguiu os passos do pai na política e ambos morreram por causa dela - ele foi executado em 1979, ela foi hoje vítima de um atentado terrorista.

Nascida em 1953 na província de Sindh e educada em Harvard e Oxford, onde estudou ciências políticas, Benazir ganhou credibilidade graças ao elevado perfil do pai. Como a dinastia Nehru-Gandhi na Índia, os Bhuttos do Paquistão eram uma das mais famosas dinastias políticas do mundo.

O pai de Benazir, Zulfikar Ali Bhutto, foi primeiro-ministro do Paquistão em 1970. O seu governo foi um dos poucos em 30 anos de independência não chefiado por um militar.



Universidade do Minho

Jovem e glamorosa, descreveu-se a si mesma como um contraste refrescante face ao panorama político tradicionalmente dominado pelos homens, tendo sido a primeira mulher democraticamente eleita num país islâmico.

Foi duas vezes primeira-ministra do Paquistão, entre 1988 a 1990, e de 1993 a 1996, tendo sido demitida em ambas as ocasiões pelo presidente por alegada corrupção.

As demissões tipificaram a volatilidade da sua carreira política, que se caracterizou por numerosos altos e baixos. Após a sua segunda queda do poder, o seu nome começou a ser visto por alguns como sinónimo de corrupção e mau governo. Bhutto foi presa pouco antes da morte do pai e passou a maior parte da sua pena, de cinco anos, em regime de prisão em solitária. Mais tarde descreveu as condições prisionais como extremamente duras.

Durante uma saída precária da cadeia para receber tratamento médico, criou o Partido dos Povos do Paquistão (PPP), em Londres, e começou a fazer campanha contra o General Zia. Durante os anos que viveu fora do Paquistão, Bhutto foi uma visitante regular das capitais ocidentais, participando em seminários em Universidades e grupos de reflexão governamentais.

Regressou ao Paquistão em 18 de Outubro de 2007 depois do Presidente Musharraf ter assinado uma lei de amnistia que permitiu o seu regresso e o de outros políticos exilados ao país. Nos meses que antecederam a sua morte emergiu como uma forte opositora do governo.

Os países ocidentais viam-na como uma líder popular com inclinações liberais.

Benazir Bhutto foi a última a ostentar a herança política do pai. O irmão, Murtaza - que se chegou a esperar liderasse o partido - fugiu para o então Afeganistão comunista após o derrube político do pai. Daí, e de várias capitais do médio oriente, fez campanha contra o regime militar paquistanês com um grupo denominado al-Zulfikar. Ganhou eleições a partir do exílio em 1993 e tornou-se deputado provincial, regressando pouco depois a casa, para ser morto sob circunstâncias misteriosas em 1996.

O outro irmão de Benazir, Shahnawaz - também politicamente activo mas menos violento do que Murtaza - foi encontrado morto no seu apartamento na Riviera francesa em 1985

Comunidade internacional condena atentado

► Uma tentativa para impedir a “construção de democracia” no Paquistão

A comunidade internacional condena o atentado suicida que hoje vitimou Benazir Bhutto no Paquistão. O governo russo foi o primeiro a condenar o assassinato da líder da oposição paquistanesa. "Condenamos firmemente este atentado, apresentamos as nossas condolências aos próximos de Benazir Bhutto e esperamos que as autoridades do Paquistão consigam tomar as medidas necessárias para assegurar a estabilidade no país", declarou o porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros russo, Mikhail Kamynine, citado pela agência Interfax.

“Acto cobarde”

Em Washington, um porta-voz do Departamento de Estado, Tom Casey, foi o primeiro a reagir. "Condenamos este atentado que mostra que há pessoas [no país] que tentam interromper a construção de uma democracia no Paquistão", disse.

Mais tarde, foi o presidente George W. Bush a pedir que os responsáveis pela morte da antiga primeira-ministra paquistanesa sejam levados à justiça. "Os Estados Unidos da América condenam fortemente este acto cobarde de extremistas assassinos que tentam minar a democracia no Paquistão", declarou. "Aqueles que cometeram este crime devem ser levados à justiça".

"Bárbaro acto de violência"

Igualmente a presidência portuguesa da União Europeia (UE) "condena com firmeza" o "bárbaro acto de violência" que vitimou Benazir Bhutto e manifesta a esperança de que este "trágico acontecimento" não prejudique o processo de democratização do Paquistão, lê-se num comunicado.

O presidente da Comissão Europeia (CE), Durão Barroso, condenou de forma "vigorosa" o ataque terrorista "insensível" que vitimou a líder da oposição paquistanesa. "Isto é um ataque contra a democracia e contra o Paquistão", considerou Durão Barroso numa declaração escrita divulgada em Bruxelas. Durão Barroso enviou, em seu nome e no da CE, condolências às famílias de Benazir Bhutto e das outras 20 vítimas do atentado de Rawalpindi.

"Crime odioso"



Universidade do Minho

O secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, manifestou-se "chocado e indignado" com o assassinato de Benazir Bhutto, qualificando-o de "crime odioso".

"Estou chocado e indignado com o assassinato da senhora Benazir Bhutto, a líder do Partido do Povo do Paquistão e antiga primeira-ministra. Isto representa um ataque contra a estabilidade no Paquistão e o seu processo democrático", afirma o responsável em comunicado.

"Condeno fortemente este crime odioso e apelo para que os perpetradores sejam levados à justiça o mais rapidamente possível", acrescenta.

Três dias de luto nacional

▶ **Presidente Pervez Musharraf apela à calma dos paquistaneses**

O chefe de Estado paquistanês, Pervez Musharraf, convocou uma reunião de emergência do seu Governo, em Islamabad, depois da morte da líder da oposição, Benazir Bhutto, anunciou a televisão estatal.

Poucas horas após o atentado em Rawalpindi, Pervez Musharraf apelou à paz e à calma dos paquistaneses e decretou três dias de luto nacional.

Num discurso ao país através da televisão, Musharraf acusou "terroristas" de serem os responsáveis pelo atentado.

"Quero expressar a minha determinação e peço a cooperação de toda a nação para eliminarmos estes terroristas e extirpar as suas raízes", disse, sem dar mais pormenores sobre a identidade dos autores do atentado.

A antiga primeira-ministra Benazir Bhutto, de 54 anos, morreu hoje depois de ter sido atingida a tiro no pescoço e no peito por um atirador desconhecido que em seguida se fez explodir.



Anexo 2 – principais notícias sobre o cancelamento do Rali Lisboa – Dakar 2008

Lisboa-Dakar2008 cancelado

III ► Razões de segurança justificam decisão da organização

A edição 2008 do rali todo-o-terreno Lisboa-Dakar foi hoje cancelada devido a razões de segurança, avançou a Agência France Press (AFP), citando a organização.

A empresa organizadora, a Amaury Sport Organization (ASO) justifica o cancelamento do Dakar, pela primeira vez na sua história, com razões de segurança e "ameaças directas contra a prova", num comunicado emitido hoje em Lisboa.

"Tenho uma péssima notícia, o Dakar 2008 não arrancará", anunciou Etienne Lavigne, responsável da ASO, organizador francês do rali de todo-o-terreno, num auditório do Centro Cultural de Belém repleto e com as faces dos participantes a expressarem desilusão e frustração.

O organizador francês recordou que "a primeira responsabilidade da ASO é a de garantir a segurança de todos: populações dos países atravessados, concorrentes amadores e profissionais, sejam eles franceses ou estrangeiros, elementos da assistência técnica, jornalistas, patrocinadores e colaboradores do rali". A decisão surge após o governo francês ter desaconselhado "fortemente" os seus cidadãos, incluindo os que iam participar na mítica prova de todo-o-terreno, a deslocarem-se à Mauritânia, que devia acolher oito das 15 "especiais" do Lisboa-Dakar2008.

A posição da França foi anunciada na sequência do assassinato, a tiro, de quatro turistas franceses na Mauritânia. "Depois de diferentes conversas com o governo francês - em particular com ministro dos Negócios Estrangeiros - e tendo em conta as suas firmes recomendações, os organizadores do Dakar decidiram anular a edição de 2008 do rali, programada para de 5 a 20 de Janeiro entre Lisboa e a capital senegalesa", anunciou a ASO.

O responsável da ASO sublinhou que a empresa francesa de organização de eventos desportivos "condena a ameaça terrorista que anula um ano de trabalho, de inscrições e paixão para todos os participantes".

"O Dakar é um símbolo e não se pode destruir os símbolos. A anulação da edição de 2008 não coloca em causa o futuro do Dakar. Propor, em 2009, uma nova aventura a todos os amantes do 'rali-raid' é um desafio que a ASO irá assumir nos próximos meses, fiel à sua presença e paixão pelo desporto", concluiu Etienne Lavigne.

Pilotos demonstram tristeza e frustração

III ► Participantes lembram o tempo e dinheiro investidos na prova

Frustração e tristeza eram hoje os sentimentos dominantes junto ao Centro Cultural de Belém, de onde estava prevista a partida, amanhã, do rali Lisboa-Dakar2008, cancelado hoje por motivos de segurança. O cancelamento da prova dominava as conversas de mais de uma centena de pessoas, entre as quais pilotos e suas equipas, que se encontram concentradas perto do Centro Cultural de Belém.

Um dos rostos da desolação era o do português Tiago Monteiro. "Eu investi três meses da minha vida. Para mim, este era um projecto isolado, mas há milhares de pessoas que vivem disto. É o projecto da vida deles", disse à Agência Lusa o piloto, que pela primeira vez ia participar na prova ao volante de um "buggy".

O motociclista Ruben Faria mostrou-se também descontente com o cancelamento, lembrando os avultados investimentos implicados na prova. "As verbas envolvidas nesta prova são avultadas e agora que explicação vou dar aos patrocinadores? Nem sei o que pensar", desabafou.

O piloto lamenta a decisão da anulação da prova pela organização, recordando que a competição nunca tinha parado apesar de as ameaças e problemas terem acontecido desde sempre, pois sempre se arranjou alternativa.

Miguel Barbosa, piloto oficial da BMW, lamentou a decisão mas apelou à união de todos os envolvidos.

"Todos lamentamos, porque todos tivemos o mesmo empenho. Agora há que rumar na mesma direcção. A organização já nos explicou algumas coisas, mas agora vamos ter de reunir e equacionar as soluções a tomar com a equipa", considerou.

Já Carlos Sousa mostrou-se desiludido pelos pilotos não terem sido ouvidos pela organização. "Estamos desapontados e desiludidos com a anulação da prova", afirmou, acrescentando: "considero que não foram



Universidade do Minho

exploradas todas as alternativas para resolver a situação" por parte da organização. O piloto português disse ainda que "a prova devia arrancar até Marrocos".

Elisabete Jacinto considerou que a decisão de anular o Lisboa-Dakar é "estranha". "Eu não tenho informações suficientes para dizer seja o que for. Sei que até agora a organização disse sempre que tinha garantido a segurança e que trabalhou junto do governo da Mauritânia para garantir a segurança de toda a comitiva. Agora é estranho que, à última da hora, mesmo na véspera da partida, se venha a tomar uma decisão destas", lamentou o piloto, que ia fazer a prova em camiões.

A portuguesa disse ainda que "o Dakar sobreviveu 30 anos", apesar de ter passado por "épocas e situações muito mais difíceis, em que não havia tecnologia, a segurança era mínima, as pessoas perdiam-se no deserto e corriam realmente risco de vida".

"Chegámos a uma época em que temos tudo para nos salvaguardar, os meios de segurança são enormes, já ninguém se perde, a organização sabe sempre onde nós estamos, em caso de acidente o socorro vem relativamente rápido, se pensarmos que estamos no meio do deserto, e anula-se um rali inteiro por motivos de segurança. Dá que pensar...", reiterou.

Em declarações à Agência Lusa, Bernardo Vilar também pensa que a decisão hoje tomada pela organização "é uma desgraça para o desporto automóvel e para a prova" e a anulação pode acabar com o Dakar no formato que se conhece.

"Se realmente o Dakar for anulado, acho que ele vai ficar por aqui... vai ser complicado depois convencer toda a gente a meter-se num novo Dakar com hipótese de não ter sucesso novamente. Tudo o que estava envolvido, desde patrocínios, a equipas, vão deixar de dar crédito a esta prova. É muito chato para toda a gente que está inscrita e envolvida na prova", considerou.

Câmara de Portimão quer ser indemnizada

III ► **Autarquia investiu 1,5 milhões de euros para receber Lisboa-Dakar**

O presidente da Câmara Municipal de Portimão declarou que vai pedir à organização do Lisboa-Dakar2008 o retorno de 1,5 milhões de euros que a autarquia investiu para receber a prova, que hoje foi cancelada.

Segundo Manuel da Luz, os "juristas da autarquia estão a estudar as contratualizações que foram feitas para que seja exigida à organização o retorno do investimento que a autarquia fez para receber a prova em Portimão".

O autarca disse à Agência Lusa que já foram investidos 90 % dos 1,5 milhões de euros, estando os restantes 10 % destinados a alojamento e outras questões logísticas para o fim-de-semana.

Manuel da Luz considerou a situação "estranha" porque "alegadamente terá a ver com as mortes de turistas franceses que ocorreram há cerca de uma semana". "Espero que não seja uma questão política entre os governos francês e da Mauritânia", disse.

Mauritânia critica cancelamento do Lisboa-Dakar

III ► **Considera que nenhum elemento novo justifica a preocupação da organização**

O ministro dos Negócios Estrangeiros da Mauritânia criticou hoje a decisão dos organizadores franceses do rali Lisboa-Dakar de cancelarem a prova.

"Nenhum elemento novo justifica a preocupação expressa pelos organizadores franceses (...). Tomámos todas as medidas para garantir que o rali se realizasse sem qualquer incidente", assegurou o ministro Babah Sidi Abdallah, em entrevista à televisão RTL.

Para garantir a segurança dos participantes no rali a Mauritânia tinha mobilizado, numa extensão de 9,275 quilómetros - desde a Europa a África -, uma força de três mil homens.

O cancelamento da corrida é uma grave perda para o país situado no extremo do deserto do Sahara. A passagem das centenas de automóveis fornece anualmente um ligeiro alívio financeiro para as localidades onde raramente passam visitantes.

O ministro do Turismo da Mauritânia, Ba Madine, afirmou que não deseja que o seu país seja usado como pretexto para a anulação do rali Lisboa-Dakar2008 de todo-o-terreno, mostrando-se solidário com a desilusão dos concorrentes.

Ba Madine disse ainda que o governo mauritano recebeu esta decisão "com grande incompreensão", porque "os organizadores tinham estado na Mauritânia na semana passada e o governo tinha mobilizado um dispositivo de segurança excepcional".

"Quero demonstrar a solidariedade do governo mauritano para com todos os concorrentes.

Compreendemos a sua desilusão", afirmou.



Universidade do Minho

Para o ministro do Turismo da Mauritânia, "enfrentar o terrorismo é a melhor forma de não lhe dar força e razão". "O Dakar é um símbolo e julgo que os símbolos devem ser consagrados e a melhor forma de o fazer é enfrentar tudo o que os ameaça", referiu.

Governo lamenta anulação

▶ Portugal fez diligências junto do governo francês

O ministro da Presidência, Pedro Silva Pereira, lamentou a anulação do Lisboa-Dakar2008, por motivos de segurança, que diz respeitar, tendo ainda elogiado a organização portuguesa da prova de todo-o-terreno.

"O Governo português lamenta profundamente, mas respeita decisão de anular o Lisboa-Dakar. A segurança está em primeiro lugar. Depois do anúncio do governo francês, pesava uma grande responsabilidade sobre a organização, que revelou que é muito escrupulosa com as questões de segurança" referiu Pedro Silva Pereira.

O ministro da Presidência revelou ainda que o Governo português "fez diligências" junto do executivo francês, que defendeu razões de Estado para este alerta.

"A verdade é que o Dakar é uma aventura e não é uma prova isenta de riscos. O governo francês fez uma coisa que não fez em anos anteriores, com base em informações que dispunha", referiu.

De acordo com Pedro Silva Pereira, "estes dias deram para perceber que tudo estava a decorrer de forma perfeita", elogiando a Lagos Sport, organizadora portuguesa.

Por seu turno, João Lagos referiu que está "solidário com as razões do governo francês", mas que "não é por esta circunstância" que vai esmorecer.

Segundo João Lagos, a Lagos Sport disponibilizou-se para organizar uma prova mais pequena em Portugal e Marrocos, mas o conhecimento de que as ameaças eram para todo o rali "tornava impossível qualquer alternativa".

A edição de 2009 do rali iria igualmente sair de Lisboa, um tema que João Lagos vai discutir ainda hoje com o responsável máximo da ASO.

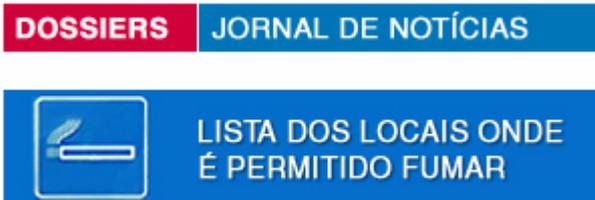
"Esta é que iria ser a maior partida de sempre do Dakar. Tenho recebido muitas mensagens de solidariedade e de ânimo. Temos o sentimento de dever cumprido", afirmou João Lagos.

Já o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, António Costa, admitiu "frustração pela anulação" da prova, mas sublinhou que, "apesar da triste notícia, a organização portuguesa e a cidade de Lisboa demonstraram capacidade de organização". "Certamente no futuro vai haver outra prova e a partida será, certamente, de Lisboa", avançou António Costa.



Universidade do Minho

Anexo 3 - Dossier sobre os locais aonde é permitido fumar



Jornal de Notícias - Lista dos espaços onde é permitido fumar - Microsoft Internet Explorer

Ficheiro Editar Ver Favoritos Ferramentas Ajuda

Retroceder Avançar Parar Recarregar Procurar Favoritos

Endereço http://jn.sapo.pt/2008/01/10/dossier/Permitido_fumar.html Ir para Hiperligações

Y! Buscar Entrar Correo McAfee SiteAdvisor

Primeiro Plano

- Nacional
- Polícia e Tribunais
- Economia e Trabalho
- Sociedade e Vida
- Mundo
- Opinião
- Preto no Branco
- Desporto
- Cultura
- Etcetera
- Televisão e Média
- Tema de Domingo
- Última

Lista dos espaços onde é permitido fumar

JN

O Jornal de Notícias, em conjunto com informações fornecidas pelos leitores, elaborou uma lista dos locais onde é permitido fumar. **Se conhece mais algum espaço onde seja possível fumar, de acordo com a Lei do Tabaco, envie o nome e localidade do estabelecimento para [AQUI](#)**

Grande Porto

Cafés

- » Café Abacaxi, C. C. Venepor, Rua Simão Bolívar, Maia
- » Café Momentos, Senhora da Hora, Matosinhos
- » Café Pátio, Vila do Conde
- » Cervejaria Século XXI, Póvoa de Varzim
- » Café Locarno, Rua Guedes de Azevedo, Porto
- » Café Fernandes, Vila do Conde
- » Confeitaria Silva Porto, Rua Silva 279, Porto
- » Pinguin, Rua Belomonte, 67, Porto

Porto Norte País



Anexo 4 – Principais notícias sobre a audição de Vítor Constâncio em Comissão parlamentar

Constâncio avisa estar limitado pelo segredo bancário

III ► Governador do Banco de Portugal está a ser ouvido em comissão parlamentar

O governador do Banco de Portugal (BdP), Vítor Constâncio, avisou hoje que está limitado, pelos segredos bancário e profissional, para falar sobre alguns aspectos da investigação a alegadas operações ilícitas, realizadas há anos pelo BCP.

"Não poderei falar livremente destas questões porque estou limitado pela lei. Uma limitação que se aplica tanto a uma audição parlamentar como a uma comissão de inquérito", afirmou Vítor Constâncio, na intervenção inicial na comissão parlamentar de Economia e Finanças.

Vítor Constâncio lembrou um parecer, nesse sentido, do conselho consultivo da Procuradoria-Geral da República, de 1994, que mencionava a aplicação do segredo profissional, a propósito de uma comissão parlamentar de inquérito.

O governador do Banco de Portugal, que falava na comissão parlamentar de Orçamento e Finanças sobre as operações realizadas pelo BCP, suspeitas de serem ilícitas, esclareceu ainda que o banco "não está afectado na sua actividade" por esta situação e também que "não existem acusações contra quem quer que seja".

"Não está em causa qualquer instabilidade que afectasse o juízo sobre a qualidade da supervisão bancária", defendeu ainda Vítor Constâncio.

Banco de Portugal investigou créditos do BCP a familiares

III ► Mais de 60 operações que podem configurar violação da lei foram averiguadas

O governador do Banco de Portugal (BdP) revelou hoje que foram investigadas mais de 60 operações de créditos concedidos pelo BCP que podem configurar violação do artigo que proíbe a concessão de financiamento a membros de órgãos de administração e fiscalização dos bancos.

O tema dos créditos concedidos no âmbito do artigo 85º do Código das Sociedades Financeiras foi o primeiro a ser abordado por Constâncio na comissão parlamentar de Finanças e diz respeito às situações denunciadas e desde há meses investigadas pelo BdP de créditos concedidos a familiares de dirigentes do banco, nomeadamente de Jardim Gonçalves, o ex-presidente do BCP.

"Mais de seis dezenas de operações foram investigadas" no âmbito do artigo 85, que estabelece a proibição da concessão de crédito pelos bancos a membros dos seus órgãos de administração e fiscalização e a familiares directos, referiu Vítor Constâncio.

Constâncio revela existência de segundo conjunto de off-shores

III ► Estiveram muito tempo activas e possivelmente a transaccionar acções do BCP

Os processos de contra-ordenação que o Banco de Portugal abriu no final de Dezembro contra o BCP dizem respeito a um segundo conjunto de entidades sedeadas em off-shores, no total 17, diferentes das investigadas em 2003.

O governador do Banco de Portugal, Vítor Constâncio, revelou esta informação na audição na comissão parlamentar de Orçamento e Finanças, especificando que "é um processo aberto na sequência das averiguações feitas com base em denúncias" e que nada tem a ver com as 20 off-shores ligadas a membros do conselho superior do BCP que levaram à intervenção do Banco de Portugal em 2003.

Ao contrário das entidades sedeadas em off-shores cuja existência o Banco de Portugal detectou nos primeiros anos da década, em relação a estas 17 off-shores "nunca foi possível identificar qualquer proprietário", disse Vítor Constâncio. Isto, acrescentou, apesar de "durante um longo período de tempo terem estado activas" e possivelmente a transaccionar acções do BCP.

O governador do Banco de Portugal frisou que a existência destas 17 off-shores foi desconhecida durante muito tempo e que a instituição, com as suas capacidades de intervenção, "não tinha real possibilidade de



Universidade do Minho

as ter identificado". "Nem nós, nem a CMVM (Comissão do Mercado de Valores Mobiliários), nem os auditores tínhamos possibilidade de saber que existiam", salientou.

Vítor Constâncio disse que a actividade dessas entidades "deixou consequências financeiras significativas", pontuando que o banco já disse que procedeu às operações necessárias para salvaguardar essa situação.

"O Banco de Portugal actuou quando tinha de actuar, actuou sempre dentro da legalidade e dos poderes que a lei lhe confere", defendeu Vítor Constâncio, apelando também à defesa da supervisão financeira em Portugal que, diz "tem sido bem exercida pela CMVM, o Banco de Portugal e o Instituto de Seguros de Portugal".

PSD considera posição de Vítor Constâncio "vulnerável"

III ► Governador do Banco de Portugal explicou sua actuação em relação às alegadas operações ilícitas por parte do BCP

O deputado do PSD Patinha Antão afirmou-se hoje insatisfeito com as explicações do governador do Banco de Portugal (BdP) sobre a sua actuação quanto às alegadas operações ilícitas por parte do BCP com empresas "offshore".

Na reunião da comissão parlamentar de Economia e Finanças com Vítor Constâncio, Patinha Antão afirmou que o governador "está mais hoje mais vulnerável" do que antes de dar explicações aos deputados sobre a actuação na investigação a operações ilícitas e a alegada interferência da entidade reguladora no afastamento dos administradores cessantes.

"Vamos precisar de muito mais explicações", afirmou o deputado, sem dizer que outro tipo de explicações ou iniciativas pode vir a tomar. Considerou, porém, que o governador agiu, no caso do BCP, "com irrazoabilidade", "com confortável lentidão" quanto a "evidentes indícios de situações de infracções graves" relativas a operações em "offshores".

Na resposta, Constâncio acusou Patinha de "confundir" duas situações - uma, em que o Banco de Portugal agiu, em 2003, e sobre as quais não encontrou ilícitos, e outra, no final de 2007, em que abriu um processo no qual acusa a administração do BCP de nada ter informado sobre 17 entidades em "offshores". "Alguns administradores até vieram dizer que não conheciam este tipo de veículos", nem quem eram os beneficiários últimos, disse Constâncio, justificando que só depois de uma denúncia, em finais de 2007, foi aberto um inquérito pelo BdP.

A possibilidade de existirem responsáveis do BCP nesse processo, que depois ficassem impedidos de serem candidatos na assembleia geral do banco, a 15 de Janeiro, foi a justificação dada por Vítor Constâncio para a reunião, que pretendia "discreta", com accionistas do BCP.

Nessa reunião, em Dezembro, o BdP alertou para o facto da anterior administração do BCP, liderada por Filipe Pinhal, poder vir a ser inibida, facto que levou ao aparecimento da lista liderada por Santos Ferreira, que seria eleita na assembleia-geral de 15 de Janeiro

O governador disse que entendeu fazer esse encontro com accionistas porque "tinha alguma obrigação" de analisar a questão "Se viéssemos depois a inibir algum candidato, haveria um novo período de instabilidade", justificou o governador.

Na resposta ao deputado do PSD, Vítor Constâncio insistiu que não era "possível pedir" mais ao órgão de supervisão bancária, tendo o Banco de Portugal feito "tudo o que podia fazer".

Portas diz que Vítor Constâncio se deve demitir ou ser sujeito a fiscalização

III ► CDS-PP considera explicações do governador do banco de Portugal insuficientes

O líder do CDS-PP, Paulo Portas, sugeriu hoje, depois de ouvir parte das explicações de Vítor Constâncio no Parlamento, que o governador do Banco de Portugal se deverá demitir ou ser sujeito a fiscalização.

"Só ouvi uma parte. O governador diz que em nenhuma parte do mundo a fiscalização é infalível. Mas é por isso que quando falha, se fiscaliza, com uma comissão de inquérito, ou então se muda, com uma demissão", afirmou Paulo Portas, questionado pelos jornalistas na Sertã.

O CDS-PP já afirmou que, se as explicações de Vítor Constâncio não forem suficientes, irá propor a criação de uma comissão de inquérito parlamentar à supervisão do Banco de Portugal sobre as actividades do BCP



Universidade do Minho

Anexo 5 – Imagens da reportagem sobre Biodanza





Universidade do Minho

Anexo 6 – Dados para a infografia sobre as eleições nos EUA

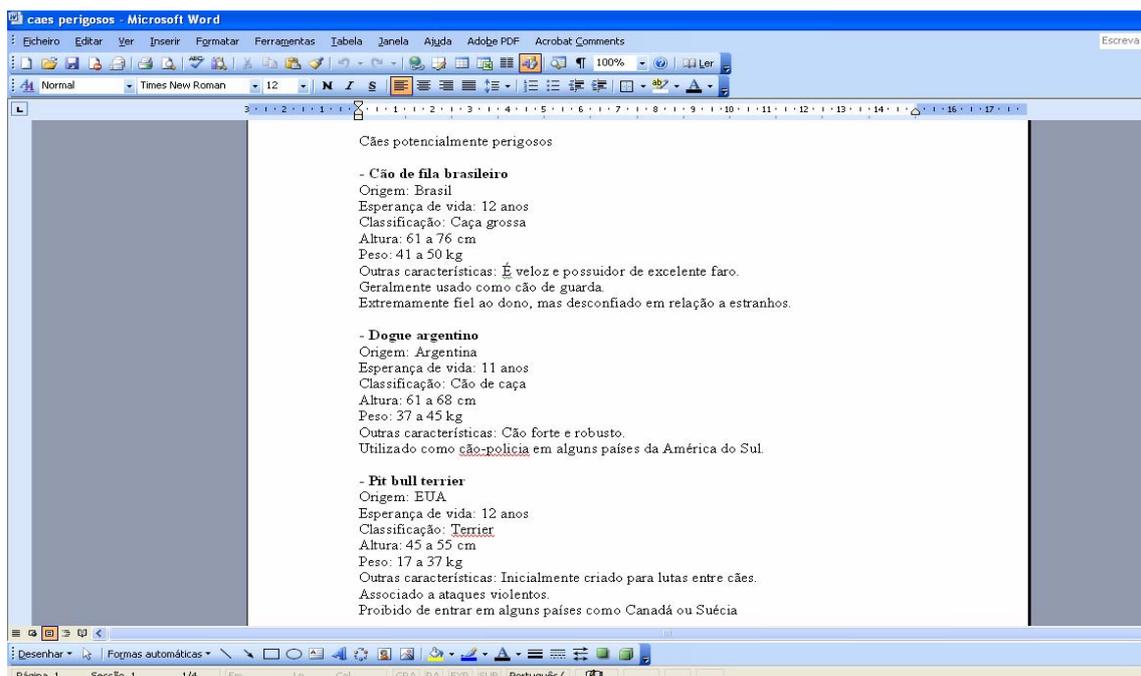
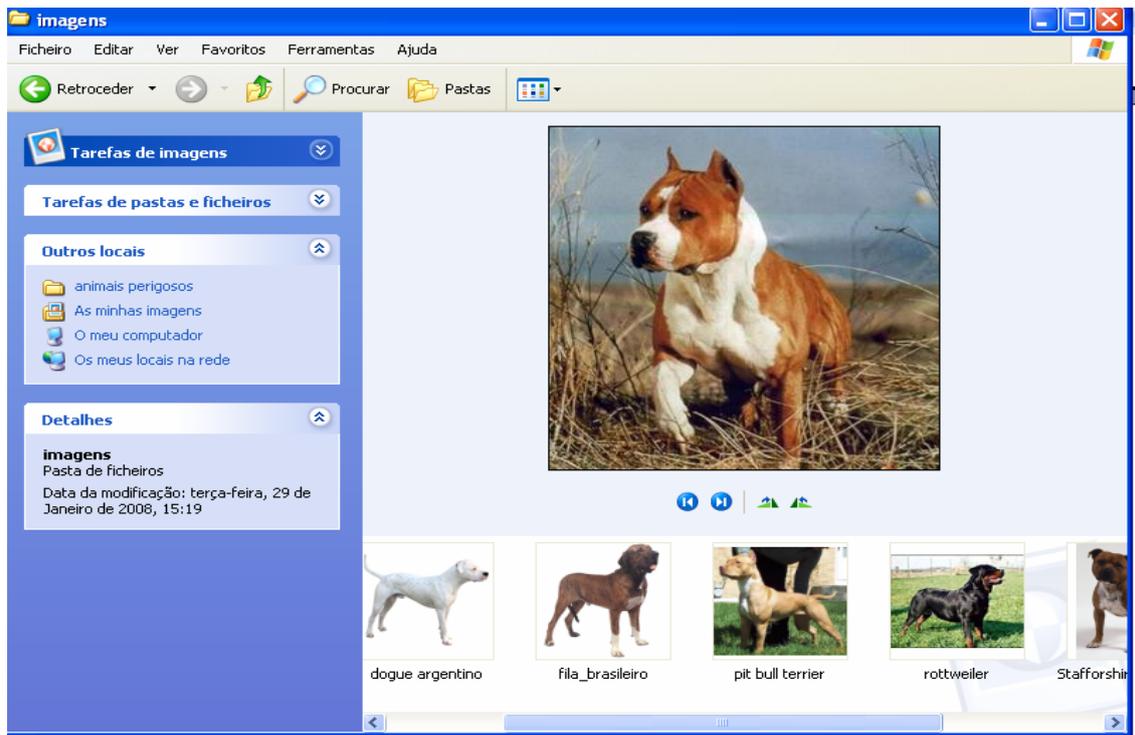
The screenshot shows a Microsoft Word document with the following data:

Estado	Votos para colégio eleitoral	População	Percentagem de brancos	Percentagem de mulheres	Mais de 65 anos	Taxa Desemprego	Governador
Alabama	9	4 557 808	70,3%	51,7%	13%	4%	Robert Riley (R)
Alaska	3	626 932	75%	48,3%	5,6%	5,6%	Sarah Palin (R)
Arizona	10	6 166 318	88,74%	50,1%	13,2%	4,7%	Janet Napolitano (D)
Arkansas	6	2 673 400					



Universidade do Minho

Anexo 7 – Dados para a infografia sobre os animais perigosos





Universidade do Minho

Anexo 9 – Esquema da fotogaleria sobre os Óscares

The screenshot shows a Microsoft Word document titled "Óscares" with a photo gallery layout. The document contains the following text and images:

Javier Bardem tornou-se o primeiro actor espanhol a vencer um Oscar. Em "Este país não é para velhos", Bardem dá vida a um misterioso assassino que atira uma moeda ar para decidir se poupa, ou não, uma vida. No discurso da vitória, o actor falou na sua língua materna para dedicar o prémio à mãe e a Espanha.



O galardão para melhor actriz secundária foi entregue à britânica Tilda Swinton, pelo papel de advogada no thriller "Michael Clayton". Nomeada pela primeira vez, Swinton foi a surpresa da noite ao derrotar Cate Blanchett.



The screenshot also shows the Microsoft Word interface, including the ribbon (File, Edit, View, Insert, Format, Tools, Table, Window, Help, Adobe PDF, Acrobat Comments), the ribbon tabs (Normal, Styles, Layout, References, Mailings, Send, Review, Developer), the ribbon groups (Font, Paragraph, Styles, Layout, References, Mailings, Send, Review, Developer), the ribbon options (Normal + 14 pt, Times New Roman, 14, Bold, Italic, Underline, Paragraph, Styles, Layout, References, Mailings, Send, Review, Developer), the ribbon status bar (Página 1, Secção 1, 1/5, Em, Ln, Col, GRA, RA, EXP, SUB, Português (PT)), and the ribbon footer (Desenhar, Formas automáticas).



Universidade do Minho

Anexo 10 – Agenda do mês de Março para o blogue “Ao vivo”

